

REVISTA **Bzzz**



ANO 4 | Nº 44 | FEVEREIRO DE 2017 | R\$ 12,00



PRO MUNDO FICAR ODARA

Psicodália, o festival musical que é o verdadeiro Woodstock brasileiro

FRANCÊS COM L

Família potiguar de nomes franceses, fundadora do paraíso chamado Perobas, comanda bar de sucesso e delícias

JUVINO BARRETO

História do industrial fundador da primeira fábrica de Natal

CLÓVIS MOTTA

Primeiro potiguar a presidir a Câmara dos Deputados, foi conciliador e amigo de Jango

PB X RN

Estados disputaram cidades que hoje fazem parte do Seridó potiguar

CENTÁRIO

Nascido há 100 anos em Taipu, K-Ximbinho fez história na música brasileira

ANTÔNIO MARTINS

Médico, empresário, político e próximo de JK

ESTONTEANTE

ÍCONE DA BELEZA POTIGUAR, EMPREENDEDORA DE SUCESSO, CONVIDADA DAS CONCORRIDAS PRIMEIRAS FILAS DOS BADALADOS EVENTOS DE MODA, DESTAQUE NA IMPRENSA LOCAL E NACIONAL, TEREZA TINOCO TAMBÉM SOMA EXEMPLO DE ANFITRIÃ E ELEGÂNCIA



Elaborar e aprovar leis, fiscalizar as ações do Poder Executivo e julgar os atos de competência estadual, além de discutir importantes temas para a população, como saúde, segurança, educação e finanças. Este é o trabalho da Assembleia Legislativa, a Casa do Povo Potiguar. Aqui, a população ainda tem garantidos e valorizados seus direitos, através do atendimento gratuito do Procon, das ações da Assembleia Cidadã e Cultural, e do incentivo à educação na Escola da Assembleia. Trabalho que você vê na tv, rádio e internet.



**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DO
RIO GRANDE
DO NORTE.
SEMPRE AO
SEU LADO.**



PODER POTIGUAR

CHEGA ÀS BANCAS DO Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Brasília mais uma edição da Revista Bzzz. A publicação, que tem como uma das missões destacar riquezas, cultura e personalidades, traz na capa uma daquelas figuras cheias de histórias. Complexa, corajosa e bem-sucedida. Também bela, e em demasia, porém longe de se restringir às qualidades físicas motivos de tantos elogios, Tereza Tinoco há décadas é exemplo de empreendedorismo em moda, ícone de elegância, além de ser a própria “dona da festa”, uma vez que recebe como poucos. No texto de Leonardo Dantas, seu universo e perfil são destrinchados.



E atendendo a pedidos de leitores fiéis, esta edição traz ainda mais memórias. Personagens potiguares ilustres estapam as páginas. Político, boêmio e intelectual, a intensa vida de Clóvis Motta, que foi breve e intensa. Juvino Barreto, industrial que criou a primeira fábrica de Natal também é resgatado. Se vivo estivesse, o maestro K-Ximbinho de Natal completaria 100 anos e, por isso, está recebendo homenagens de músicos e da revista. Deputado, amigo de JK e que dá nome a um município potiguar, Antônio Martins tem sua trajetória revivida por aqui.

Uma vez aberto parte do “Baú da Bzzz”, é preciso destacar as ótimas dicas de turismo e seus extremos. Do inverno canadense ao calor da Praia de Perobas, matérias sobre Winnipeg e sobre o Bar do Voizinho, sucesso da praia que fica no município de Touros (RN). Direto da região Sul do Brasil, o festival que é o próprio Woodstock brasileiro – o Psicodália. A quem gosta de cair na folia, fantasias e adereços de carnaval na coluna de moda. E mais: arquitetura, colunas de política e turismo, gastronomia, festa e toda a pluralidade da Bzzz.

Ótima leitura!

Equipe Bzzz

Equipe Bzzz

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

@revistabzzz
 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA ASSISTENTE
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
CAMILA PIMENTEL, EVERSON ANDRADE,
HAYSSA PACHECO, LEONARDO DANTAS,
LOUISE AGUIAR, MARKSUEL FIGUEREDO,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA, VÂNIA
MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
EVERSON ANDRADE

FOTOS
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, CÍCERO OLIVEIRA,
CLARA VIDAL, EVERSON ANDRADE,
JOÃO NETO, RAFAEL BARBOSA, PEDRO LIMA,
TICIANO D'AMORE

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

Novas conquistas, novos conhecimentos e um grande objetivo: qualificar ainda mais a indústria do RN.

Após apontar o Norte para o desenvolvimento do Estado com o Mais RN, o Sistema FIERN decidiu ir além. Lançou o programa "Novos Caminhos da Indústria", reunindo toda a estrutura, qualidade e experiência das suas quatro casas para treinar profissionais, ensinar novas técnicas, qualificar a indústria e prepará-la para enfrentar o futuro. Juntos, SESI, SENAI, IEL e FIERN levarão a todas as indústrias, em todos os cantos do Rio Grande do Norte, seus produtos e serviços, incluindo formação profissional, promoção da saúde, ações em segurança no trabalho, incentivo ao estágio, educação empresarial e sustentabilidade, atendendo às demandas específicas de cada setor industrial. Todos juntos nos Novos Caminhos da Indústria.



NOVOS CAMINHOS DA INDÚSTRIA

a seu serviço



20

YES! WE CAN

Atividade física do momento, Crossfit desafia todas as idades e os mais maduros dão o exemplo



78 Folia

Fantasia e adereços para quem se joga no carnaval



64

Câncer de ovário

Doença silenciosa é uma das mais difíceis de diagnosticar e com um dos menores índices de cura. Fique atenta!



58

Canadá

Diversão no frio em Winnipeg



84

Repaginadas

Paredes, pisos e móveis ganham cara nova com adesivos decorativos

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA E EQUIPE BZZZ



TERCEIRA VIA

Nem PSDB nem PT. Em 2018, pode ser a vez do PSB. Um acordo entre tucanos e socialistas pode fazer o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), assinar a ficha de filiação do PSB para disputar as eleições presidenciais do próximo ano. Em tempos de Lava Jato avançada, integrar uma sigla distante das delações pode ser o diferencial na corrida pelo Palácio do Planalto.

GALINHADA E LEITÃO NO PLENÁRIO

Vice-presidente da Câmara dos Deputados, Fábio Ramalho (PMDB-MG) é um parlamentar tanto quanto, digamos assim, peculiar. Ele tem o hábito de levar para o cafezinho do plenário delícias mineiras como leitão à pururuca e galinhada. Assim, faz propaganda da gastronomia de Minas Gerais entre os colegas.

SEM LIBIDO

A capital dos magos-luxuriosos tem muita história romântica um tanto inusitadas para contar. Entre as muitas, dia desses, depois de muito reclamar a falta de apetite sexual da mulher e ela justificar que são as interferências eletromagnéticas dos aparelhos de celular, ele decidiu investigar. Contratou um especialista para fazer varredura em casa.

POIS BEM

Depois de muito analisar, inclusive com detecção nos demais espaços do luxuoso edifício onde mora o casal, o especialista nada encontrou de campo magnético que possa interferir no apetite carnal, digamos assim.



CANETA

Enquanto as rodas políticas replicam as dificuldades que rodeiam a reeleição do senador José Agripino Maia (DEM-RN), os mais experientes sabem das suas cartas na manga. Em favor de Jajá, o fato de o Democratas ter a renovação do seu mandato no Senado Federal como prioridade máxima. A razão é simples: ele mesmo é o presidente, quem decide sobre onde concentrar esforços.

PODEMOS NO BRASIL

Deputada-blogueira, Renata Abreu, presidente nacional do PTN, quer mudar o nome do seu partido para "Podemos". O nome, inclusive, já tem plaquinha na porta do seu gabinete. Tudo isso para aproveitar a fama do partido "Podemos" na Europa, que elegeu a prefeita de Madri, na Espanha. Trata-se de um movimento de esquerda que aqueceu a política espanhola.

PARTIDÁRIA

O alinhamento da deputada estadual Márcia Maia (PSDB-RN) com o seu partido torna improvável a candidatura da sua mãe e vereadora de Natal Wilma de Faria (PTdoB) ao cargo de deputada federal em 2018. Aposta tucana para a sucessão municipal da capital no ano passado, Márcia deve defender um correligionário para assento na Câmara dos Deputados. Hoje, Rogério Marinho (PSDB).



COISA BOA

A Câmara Municipal de Natal vai promover audiências públicas sobre a engorda da Praia de Ponta Negra. A intervenção prevê o alargamento da faixa de areia da enseada, consumida pelo avanço do mar nos últimos anos. A iniciativa é do vereador Sueldo Medeiros (PHS), sob o argumento de que a operação traz solução definitiva para as repetidas obras malsucedidas no cartão postal.



SUCESSO

As belezas naturais do Rio Grande do Norte estão bem na fita. De norte a sul. Pelo lado sul, já está consolidada a fama de paraíso indiscutível das praias de Tibau do Sul, onde fica a badalada Praia da Pipa, que se soma a praias de nomes sugestivos como a Do Amor, Madeiro, Das Minas, Baía dos Golfinhos, Cacimbinhas. Sem falar na bela Lagoa de Guarairas, que, quando baixa, bancos de areia formam ilhotas e muitos em passeios de barco aproveitam para uma parada regada a cerveja, caipifruta, churrasquinho de frutos do mar etc. Eleve-se também a gastronomia, de diferentes cozinhas nacionais e internacionais, com maior concentração em Pipa.

POTIGUAR

No litoral norte, cresce o número de visitantes e investidores em São Miguel do Gostoso, e na vizinha praia de São José de Touros, que pertence ao município de Touros. Lugares que estão em viés de alta, inclusive ofuscando paraísos badalados por chiques e famosos, como Trancoso, na Bahia. Lugares de praias belíssimas e gastronomia primorosa. Em Gostoso, por exemplo, fica uma das dez praias mais belas do Brasil: Tourinhos. Algo inexplicavelmente belo.

EM TEMPO

Por falar na Praia de Tourinhos, a comunidade de Gostoso se mobiliza para que a prefeitura municipal retome o zelo pelo paraíso. Lugar de desova de tartaruga e patrimônio da natureza, está ameaçado pelo tráfego de quadriciclos nas areias e na falésia, que já mostra sinal de destruição. Também, pela multiplicação de barracas. E sem planejamento. Pior: decibéis que ecoam de carros que estacionam no barro colocado por cima da areia da praia.





O conciliador

Político, boêmio, intelectual, pai carinhoso e amigo de João Goulart, Clóvis Motta escreveu sua história na política potiguar e do Brasil num breve, porém intenso período

Por Hayssa Pacheco

O BRASIL VIVE FORTES tensões políticas que estão colocando um ponto final nos tempos da tolerância, mas nem sempre este foi o comportamento padrão. Entre os anos 50 e início dos anos 70, Clóvis Coutinho da Motta mostrou que é possível ser conciliador. Ele, que foi deputado estadual, deputado federal e vice-governador do Rio Grande do Norte, conseguiu caminhar por campos políticos opostos e circular pelas variadas camadas sociais sem fazer distinção, tendo apenas a simplicidade como bússola.

“Meu pai conseguiu o feito de ser empresário e integrar um partido trabalhista”, destaca seu filho, o deputado estadual Ricardo Motta (PSB), referindo-se ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que tinha ligações sindicalistas e teve seu avô, João Motta, como um dos fundadores da legenda no Estado. “Clóvis era um homem de hábitos simples, comprometido e muito popular em Natal”. Ao mesmo tempo em que conhecia pessoas simples da cidade, também desfrutava da amizade do ex-presidente João Goulart, que chegou a se hospedar na casa da família, na Avenida Rio Branco, no Centro da capital potiguar, em várias ocasiões.

Enquanto Jango foi presidente da República, Clóvis tinha trânsito livre no Palácio do Planalto. “Tenho muitas lembranças da vida pública do meu pai, que foi curta, mas intensa e relevante. Foi vice-presidente da Câmara Federal no período crítico que antecedeu o golpe militar de 1964”, recorda uma de suas filhas, a arquiteta Diana Meirelles da Motta, que atualmente reside em Brasília, onde é di-



A amizade e identificação com João Goulart



Panfleto de sua campanha para deputado federal

retora de Planejamento e Gestão Urbana do Ministério das Cidades.

Como presidente interino da Câmara, enquanto o titular do cargo, Ranieri Mazzili, estava no exterior, o potiguar passou por momentos de tensão durante a conhecida Revolta dos Sargentos Militares, irritados com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de considerar os sargentos e subtenentes inelegíveis para o exercício do mandato popular,

detiveram várias autoridades, entre os quais Clóvis Motta. Horas depois o episódio foi solucionado.

Formado em Engenharia Química e Direito, também fez uma carreira empresarial, presidiu a Federação das Indústrias do RN (Fiern) e abriu um escritório do curtume da família, chamado J. Motta, em São Paulo, onde morou com a família, e morreu em 1979.

“Ele faleceu no auge da ati-

vidade produtiva de um político. Ele não tinha 35 anos e já havia desempenhado, como deputado federal, funções relevantes e missões estratégicas pelo país nos primeiros anos da década de 60 - esteve na China, Iugoslávia, Estados Unidos e em convenções em Genebra, na Suíça”, diz Diana, lembrando com orgulho do pai. “Ele nos deixou um legado ético e de decência com a coisa pública. Era um homem honrado e íntegro”.



Carteira do Conselho regional de Química



Registro como deputado federal



Durante visita diplomática



Em missão na China, na década de 1960

Herança

A história política da família começou com João Francisco da Motta, fundador do Curtume J. Motta (em 1935), que se tornou vereador de Natal nos anos 50. Os filhos seguiram seus caminhos nos negócios e na política. Álvaro Motta foi deputado estadual, federal e suplente de senador. José Quirino exerceu um mandato de vereador e Clóvis se elegeu deputado estadual (1955-59), deputado federal por dois mandatos (1959-63 e 1963-67) e foi vice-governador (1966-70).

“Tudo na vida do meu pai foi muito rápido, tão rápido que ele morreu muito jovem, com pouco mais de 50 anos. Ele só teve atividade política e empresarial até os 40 e poucos anos, depois a diabetes o pegou e provocou cegueira”, lembra o seu herdeiro político, Ricardo Motta, que tem características físicas muito semelhantes ao pai.

Seus passos na política também serviram de inspiração para o neto Rafael Motta, que hoje o representa na Câmara dos Deputados e preside o PSB no Rio Grande do Norte. “Meu avô sempre foi um homem de diálogo e isso se tornou uma similaridade entre as nossas formas de agir. Clóvis Motta conversava com todos e tratava todos de igual para igual. Nas ruas, gostava de conversar e ouvir o que as pessoas tinham a dizer. Por isso é lembrado até hoje. Na Câmara dos Deputados, não era diferente. Tratava como iguais, desde o mais baixo funcionário até o mais alto chefe de estado, que ele geralmente era chamado



João Motta e Severina Motta com os filhos Clóvis Motta e Margarida



Clóvis e Lourdinha Motta

para atender”, enaltece Rafael.

Nos passos do avô, Rafael, mesmo jovem (31 anos) e em seu primeiro mandato como deputado federal, integra as Comissões de Turismo, Finanças e Educação e foi da Comissão de Reforma Política. Também é vice-presidente da Frente Parlamentar do Livro, da Leitura e da Biblioteca. E relator dos projetos de lei que institui o Fundo Nacional do Livro e da Leitura, que destina mais recursos para a

merenda e o transporte escolar.

O jovem parlamentar também integra a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apura os crimes cibernéticos no Brasil. É sub-relator da temática dos crimes contra crianças e adolescentes.

Na Câmara, foi o único deputado da bancada potiguar a se posicionar contra o projeto da terceirização e contra o projeto que permite o financiamento privado de campanha.



Em meio à debate político com eleitores



Durante aniversário do então governador Aluízio Alves

Homem de vastos interesses

Na brevidade de uma vida de 51 anos, Clóvis Coutinho da Motta construiu uma história de ensinamentos. Embora a primeira lembrança seja do político pacificador e do empresário de sucesso, o seu legado extrapolou estas áreas. Amante da leitura e dos estudos, era um homem culto e de vastos interesses. Em família, era um pai carinhoso, com os amigos, um homem fiel, e com os desconhecidos sentava-se à mesa de um bar para curtir alguns momentos de boemia.

Conhecido por sua gentileza e pela maneira educada de tratar as pessoas, fez grandes amizades. “Papai era mesmo um homem simples. Adorava conversar com as pessoas e tinha muitos interesses na vida. Além da política, gostava também das coisas boas da rotina - conví-

vio com a família, amigos, leitura, música (adorava cantar) e apreciava gastronomia”, lembra sua filha Diana Meirelles Motta.

O esporte também estava entre seus interesses. Foi goleiro do Náutico, praticou remo no Rio Potengi, foi tenista, fundou e presidiu o clube de pesca Pâmpano Esporte Clube e tinha como grande paixão o Alecrim Futebol Clube. “Ele presidiu numa época que não existia muito profissionalismo. Os jogadores para serem remunerados trabalhavam no curtume e no dia de treino saíam do emprego para treinar”, lembra Ricardo Motta.

Também foi grande boêmio. Frequentava os bares da cidade, apreciava o Carnaval (fundou o bloco “Os Cafajestes”), adorava cantar e fazer serenatas. “Quando

exercia interinamente o governo do estado, a gente morava na residência oficial ao lado da Rádio Poti. Na frente tinha o Bar do Lourival. Por volta das 11h da noite, alguns boêmios, como Cezimar Borges, Márcio Marinho, Ney Marinho e outros que eram amigos de papai, estavam fazendo uma se-
resta na calçada de Lourival, papai saiu de casa de pijama, atravessou a rua, Lourival quando viu botou as mãos na cabeça e disse: “Doutor Clóvis, o senhor me desculpe, esses vagabundos aqui tirando o sono do senhor que é um homem tão ocupado”. Ele respondeu: ‘Lourival, uma música tão bonita dessas ninguém pode perder, eu quero é uma cerveja’, e lá ficou até meia-noite, quando encerrou a brincadeira”, conta Ricardo entre risos.

Família em primeiro lugar

A família tinha um papel fundamental na vida de Clóvis Motta. Tinha uma relação de muita proximidade com os pais (João Francisco da Motta e Severina Coutinho da Motta), era amigo dos irmãos, um pai muito afável e um tio carinhoso. Casou-se muito cedo, com Lourdinha Motta, sua companheira e parceira na vida pública. Teve cinco filhos: Diana, Ricardo, Ariana, Cristiana e Alexandra.

“Sempre beijava todos os filhos antes de dormir. Ele nos dava muitos conselhos, especialmente para ter dedicação aos estudos. Sempre que perguntávamos sobre alguma coisa ele mandava consultar o dicionário”, recorda Diana.

Também era um homem culto, gostava muito de ler e se informar. Tinha um gosto apurado para literatura, mas sua biblioteca era bem diversificada. Ele assinava revistas americanas, como a National Geographic, TIME e LIFE. Outra fonte de informação era o rádio, ouvia a BBC de Londres para se atualizar sobre o mundo.

Fluente em inglês, francês e espanhol, viajava com frequência ao exterior. “Isto ampliou a sua visão e conhecimento sobre o mundo. Ele nos influenciou muito e nos informava sobre o que ocorria fora do país. Sempre nos contava as peculiaridades dos outros países - especialmente a gastronomia”, conta Diana.



Com os filhos



Lourdinha entre os filhos adultos



Rico, filantropo e visionário

Empresário pernambucano que se fixou em Natal, Juvino Barreto até hoje é lembrado pela generosidade sem limites e pioneirismo ao inaugurar a era da industrialização na capital potiguar

Por Louise Aguiar

A HISTÓRIA DA INDUSTRIALIZAÇÃO em Natal não começou por um filho da terra, tradicionalmente potiguar. Foi um visionário pernambucano que, ao decidir morar na cidade banhada pelo Rio Potengi, inaugurou nova era e mudou para sempre a história da capital. Juvino César Paes Barreto, conhecido até hoje como Juvino Barreto, abriu a primeira fábrica do município, em 1888, descerrando as portas de um novo tempo para o Rio Grande do Norte. Empresário de sucesso e filantropo, morreu de câncer em 1901, mas sua história ultrapassou o século e ainda ecoa nos quatro cantos de Natal.

Empresário vitorioso, católico fervoroso, membro da Guarda

Nacional com título de Coronel, mas também filantropo atuante e conhecido como bom patrão. São características defendidas pelo historiador e pesquisador Rostand Medeiros, que guarda os recortes do jornal A República de 10 de abril de 1901, quando todas as páginas foram tomadas pela notícia da morte de Juvino Barreto, vítima de um câncer que já o vinha deixando debilitado.

“O Colégio Salesiano, no bairro da Ribeira, onde estudei de 1974 a 1982, era sua casa e foi doada aos religiosos. Percebo que o traço mais legal de sua biografia é que ele foi considerado pela sociedade um homem com uma interessante visão social e tido como um bom patrão. Coi-

sa difícil de ver em uma sociedade de saída da escravatura e em um estado com uma elite tão pobre de espírito como o RN da época”, observa o historiador.

Nascido em Aliança (PE), no dia 2 de fevereiro de 1847, Juvino Barreto era filho do coronel Leandro César Paes Barreto, republicando e insurgente da Revolução Praieira (1848), e de Umbelina de Medeiros César. Perdeu o pai aos 10 anos e passou a trabalhar como caixeiro viajante para ajudar a família, no município de Nazaré (PE). Acumulava a função com o trabalho noturno em uma pequena oficina de encadernação, instalada em sua própria casa, que contribuía, ainda que pouco, para o orçamento familiar.



Casa onde hoje existe o Colégio Salesiano São José. Uma doação de Juvino Barreto

Colégio Salesiano São José



Foi apenas em 1869, quando se associou ao irmão Júlio Barreto, que migrou para o Rio Grande do Norte, instalando-se na cidade de Macaíba. Em 1873, casou-se com Inês Barreto, filha do senhor de engenho Amaro Barreto, período em que também se mudou para o Recife, onde dirigiu a firma Júlio & Irmãos Ltda. O tempo na capital pernambucana não foi longo. Voltou para Macaíba, onde morou com o sogro e o cunhado Fabrício Maranhão.

O sonho de Juvino Barreto era construir uma fábrica de tecidos em Natal, que naquela época mais parecia um vilarejo e estava longe de ver algum sinal de industrialização. Enfrentou a falta de recursos e o desânimo de familiares e amigos com o negócio, mas acabou tirando proveito das leis 732 e 773, de 1875 e 1876, respectivamente, e conseguiu oito mil metros quadrados de terreno, no começo da antiga Rua da Cruz.

Investiu pesado: comprou na Inglaterra as mais modernas máquinas existentes na época em condição, para pagar com os lucros obtidos. Uma delas era a máquina Lowell. A fábrica tinha 48 teares, 1.600 fusos, nove cardas com motor de 60 HP e fabricava quatro tipos de tecidos grossos, beneficiando o algodão que descia do interior da província em lombo de animais.

Foi inaugurada em julho de 1888, onde hoje é o bairro da Ribeira, cercada por uma vila, escola e



Inês, esposa de Juvino Barreto

capela, construídas por ele, além de assistência médica completa para seus operários. Em frente ao prédio da indústria, construiu uma espécie de palacete, que atualmente abriga o Colégio Salesiano São José, fruto de doação do empresário. Foi no belo casarão onde criou seus 14 filhos com a mulher, dona Inês.

“A primeira luz elétrica que os natalenses viram foi na fábrica de tecidos de Juvino Barreto, no ano de 1893”, conta Câmara Cascudo, em artigo escrito e publicado pela República, em fevereiro de 1959, ocasião em que a antiga fábrica acabara de ser derrubada.

“Durante todo o mês de setembro de 1958 acompanhei, dia a dia, a demolição da alta chaminé da antiga Fábrica de Tecidos de Natal, fundada por Juvino Barreto. Era um elemento característico na velha paisagem da cidade que se transformou. Ninguém notou seu desaparecimento. Nem um jornal registrou sua morte. Não fez falta. Viveu oitenta e três meses”, escreveu Cascudo, considerado um dos maiores historiadores do Brasil.

Nesse artigo, Câmara Cascudo relembrou os tempos de funcionamento da primeira fábrica de



Primeira fábrica de tecidos de Natal, fundada por Juvino Barreto

tecidos de Natal. “Todos, ou quase todos os mestres e operários do Tecedo, os dentes, estavam eufóricos pela vitória. A chaminé nasceu em 21 de junho de 1888. Inauguração da Fábrica com a presença do Presidente da Província, Dr. Antônio Francisco Pereira de Carvalho. Seu Juvino, rilhando os dentes, estava eufórico pela vitória. Era a primeira fábrica de tecidos e não tivemos ainda a segunda. A chaminé estava

feita. Alteava-se, orgulhosa, na sua tonelada de tijolos vermelhos, com a data em negro, visível e clara: - 1888”.

E segue: “Nas oficinas soavam quarenta e oito teares, movimentando mil e seiscentos fusos. Fazendo tecido grosso, barato, popular. A chaminé era o símbolo. Não apitava porque o apito estava junto da grande caldeira, mas o apito da fábrica era o relógio democrático da cidade inteira. Apitava, longamen-

te, às cinco da manhã e às cinco da tarde. Chamando e despedindo as operárias. Eu nasci justamente depois do apito das cinco horas, numa sexta-feira, na Rua da Virgens. Os negócios de gente pobre eram regulados pelo apito, fechando o dia. Quando o Tecido apitar ... esteja em casa! Volte antes do apito ... Tudo isto passou. Tempus fugit ... A chaminé resistiu”, relatou o historiador e folclorista potiguar.

Filantropia enraizada

Segundo escreveu Luís da Câmara Cascudo, Juvino era um homem pequeno, forte, moreno, barba cerrada e estava sempre de casemira, com um revólver metido entre a calça e o colete -, mas que jamais foi disparado. Católico fervoroso, caridoso e de grande visão social, era conhecido como um excelente patrão. O título de “pai dos pobres” também foi concedido a ele, que foi o fundador da “Liberadora Macaibense”, conseguindo um grande número de alforrias para escravos quando as ideias abolicionistas iniciaram no Brasil.

A vocação para a filantropia fora herdada do pai, o coronel Leandro, que, ao explodir a epidemia de cólera, em 1856, dedicou-se ao transporte e tratamento dos enfermos, vindo a falecer em seguida devido ao contágio pela doença. Conforme editorial do jornal A República de 12 de abril de 1901, não havia limites para e



Quadro em homenagem a Juvino Barreto está exposto no Colégio Salesiano

generosidade de Juvino Barreto. “Sua casa era um asilo de necessitados e seu bolso estava sempre cheio para a caridade”, diz o texto.

Juvino foi condecorado com a Imperial Ordem da Rosa, pelos serviços prestados à causa abolicionista. Também foi sócio do Clube do Cupim. Ainda em vida, doou, conjuntamente com a esposa Inês,

sua casa com todas as benfeitorias existentes na chácara à Ordem dos Salesianos, que somente poderia tomar posse do imóvel após o falecimento do cônjuge sobrevivente. Doou ainda recursos para construção de um hospital onde antes funcionava sua residência de veraneio, que inicialmente levou seu nome.

O empresário morreu em sua residência no dia 9 de abril de 1901. A cerimônia de sepultamento foi triste, grandiosa e contou com forte comoção da população. Foram quase três mil pessoas presentes ao Cemitério do Alecrim, que teve que ser fechado para receber o corpo do ilustre pernambucano. O jornal A República circulou por vários dias com páginas e mais páginas à memória de Juvino Barreto, tanto nas folhas principais quanto nas colunas internas. Bem relacionado, deixou uma grande lacuna na sociedade potiguar.



CROSSFIT desafiando todas as idades

Engana-se quem pensa que o esporte que ganhou status de religião, febre mundial, é só para os jovens. Melhorar o condicionamento físico e a qualidade de vida dos mais velhos também é destaque

Por Marksuel Figueredo
Fotos Marksuel Figueredo



“EU ACHAVA QUE SERIA eternamente o bonito dos olhos azuis. Aos 55 anos me olhava no espelho e me via como um jovem de 26. Eu acreditava nisso.” O depoimento é do sueco Håkan Frandén, guia de turismo, que hoje leva uma vida alternada entre o país de origem e o Brasil. Com desilusão da juventude eternal, o europeu mudou seus hábitos. “Eu adorava beber e fumar, achava que isso era uma vida boa”, lembra. Foi quando a ficha caiu. “Um certo dia me olhei fundo no espelho e vi que não era mais aquele jovencinho de 26 anos. Eu estava pesando 90 quilos. Então peguei uma foto e me perguntei: ‘sou eu?’ Era. E minha esposa já vinha me alertando há muito tempo, mas eu não queria enxergar. Sabe quando você seca a barriga e finge que está tudo bem?”

Sem dar tempo para pensar, ele mesmo responde: “Quando você sente dentro de você que pode fazer a mudança, que a vida está passando, você então desperta, sem ninguém precisar falar mais nada. Eu senti isso e resolvi fazer a mudança”, diz. Para largar o cigarro e a bebida e perder os quilos a mais, o sueco viu que a mudança estava no esporte. O “norte” para o guia de turismo estava dentro de casa. A filha, Amanda Frandén, é uma das melhores atletas de crossfit da Europa - esporte que trabalha movimentos funcionais em alta intensidade e com exercícios variados. “Eu vi dentro da minha casa um exemplo de ser humano disposto. Minha filha tinha energia, força, vitalidade. Eu queria aquilo também”. E foi assim que, aos 55 anos, ele decidiu praticar a modalidade. No começo, disse que sentiu um pouco de dificuldade, mas sempre soube respeitar o próprio limite.



Amanda Frandén, filha de Håkan, é uma das melhores atletas de crossfit da Europa

“O segredo está justamente aí. É preciso respeitar o seu limite durante o treino. E, aos poucos, eu vi que dentro do meu limite eu estava me superando, avançando. Achei isso incrível”. De lá pra cá, passaram-se três anos e vieram algumas mudanças. Håkan está pesando 74 quilos, 16 a menos da época em que não fazia esporte. “Hoje eu me sinto um homem com energia, força e vitalidade, assim como via tudo isso na minha filha. E eu só quero melhorar”, comemora.

O treino no crossfit se torna ainda mais prazeroso porque é ao lado da esposa, a sueca Ylva Gunillasdotter, de 56 anos. Ela começou os treinos junto do marido. “Eu me sinto bem mais forte hoje. Não falo em massa muscular, nada disso. Mas falo em ter disposição. No dia que eu não treino é como se estivesse faltando algo”.



Håkan com 90 quilos

“

Hoje eu me sinto um homem com energia, força e vitalidade, assim como via tudo isso na minha filha. E eu só quero melhorar.”
Håkan Frandén



Ylva Gunillasdotter, de 56 anos, esposa de Håkan



Ednéa Soares, nutricionista

O mesmo sentimento tem a nutricionista Ednéa Soares da Silva, 47 anos. Dida, como prefere ser chamada, treina crossfit há dois anos, de segunda a sábado. Ela conheceu o esporte nas redes sociais. “Eu estava cansada da musculação e comecei a procurar na internet outras modalidades. Vi que o crossfit tem as atividades da musculação, mas também as de condicionamento físico e treino aeróbico. Eu fiz uma aula experimental e quando acabou já me matriculei, sabia que iria ficar”. Ela complementa que foi

amor à primeira vista. A opção pelo crossfit, segundo Dida, resolveu o dilema do sedentarismo. “Eu não tinha regularidade nos treinos, fazia um mês e parava dois. Agora eu sigo uma rotina de treinos, aliada a uma boa alimentação”, diz.

O horário de treino da nutricionista costuma ser o mesmo da empresária Elisângela Costa, de 37 anos. Geralmente as duas treinam no período da tarde. Elisângela é mais nova no crossfit. Ela começou há seis meses, e, ao contrário de muitos, não sentiu dificuldades nos primeiros treinos porque sempre teve uma vida ligada ao esporte. Elis foi atleta da seleção potiguar de Karatê durante 15 anos, chegou à seleção brasileira da modalidade e conquistou bronze no Sul-Americano no Recife, Pernambuco.

“O karatê me dava estímulo, só que depois veio a faculdade, eu fui mãe e fiquei sem tempo de voltar a praticar a modalidade. O crossfit me devolveu justamente o estímulo que eu tinha perdido. Na



Eudes Lima Bezerra, oficial de Justiça



“

Eu percebi que esse esporte me traria lições que eu iria colocar em prática fora do box, como o fato de aprender a trabalhar em equipe. Aqui um ajuda o outro.”

Elisângela Costa, empresária

primeira aula, o professor já estava lá me incentivando, o colega do lado me ajudando. Eu percebi que esse esporte me traria lições que eu iria colocar em prática fora do box, como o fato de aprender a trabalhar em equipe. Aqui um ajuda o outro”, ressalta Elis.

Ela diz que hoje se sente mais disposta e mais forte. “O crossfit também me ajudou a ser mais disciplinada com a minha alimentação. Aqui a gente treina duro, então eu acabo pensando duas vezes antes de comer uma guloseima”, brinca. Elis tinha um contrato de três meses com o box onde treina em Capim Macio, mas resolveu renovar por um ano. “É o esporte pra vida”.

O oficial de Justiça Eudes Lima Bezerra está entre os quarentões que aderiram ao crossfit. Tem 47 anos e treina há dois meses. Ele conheceu o esporte por meio de um amigo e diz que no começo teve receio porque tem uma hérnia de disco lombar. “Eu entrei no box com um medo grande de lesionar meu corpo,

mas o professor conversou comigo e disse que aqui eu iria fortalecer a minha musculatura”, detalha.

Eudes é um aluno disciplinado, não falta a uma aula e foca principalmente na parte técnica para alcançar o objetivo desejado. “Minha postura corporal já melhorou muito. No início, eu curvava errado as costas para pegar o peso. Agora eu faço da forma correta e com isso eu estou ganhando resistência muscular onde tinha fragilidade, no meu caso, a região lombar. Sinto minha musculatura fortalecida”.

A evolução está nos treinos também. Eudes já consegue desenvolver no box o *handstand*, que na prática é o famoso “plantar bananeira”, o que a meninada costuma fazer muito na infância. O exercício fortalece a musculatura e trabalha o equilíbrio do corpo. “Pra mim, que tenho esse problema na lombar, fazer o exercício sozinho foi uma grande conquista. E eu sei que posso muito mais. A gente aprende no esporte que pode se superar a cada dia”.



Alto rendimento

O Crossfit foi fundado em 1995 pelo ex-ginasta americano Greg Glassman. Ele se tornou personal da força policial da Califórnia, nos Estados Unidos, e logo percebeu que muitos policiais eram especializados em determinados movimentos e, em outros, não. Na prática, a professora e proprietária do box Crossfit Capim Macio, Gabriella Ylvasdotter, explica que Greg percebeu que policiais e atletas eram limitados.

“Ele viu que alguma coisa estava errada, porque algumas

pessoas conseguiam levantar 200, 300 quilos treinando força, mas quando as colocavam para correr, essas pessoas não conseguiam fazer o percurso de um quilômetro. Greg foi ginasta e viu no esporte dele - que é um esporte de controle corporal fantástico - que os ginastas não tinham força nas pernas, porque eles treinam principalmente a parte superior”, conta.

Foi em cima dessa observação que o americano resolveu criar o crossfit, o esporte que une levantamento de peso olímpico,

ginástica e cárdio. “Essas três variáveis juntas trazem força, resistência e equilíbrio corporal para quem pratica. A ideia não é ser o mais forte, o mais rápido. É fazer de tudo um pouco e ser um atleta completo”, ressalta. Gabi tem cursos de ginástica, levantamento de peso olímpico e kettlebell, em Estocolmo, na Suécia, curso internacional de personal trainer, em Valetta, Malta, e de Crossfit Level 1, em Nuremberg, na Alemanha. Este último curso a permite ter um box da modalidade para dar aulas.



Como é a aula?

A aula que Hakan, Ylva, Dida e Elisângela fazem é a mesma para qualquer outro aluno, mas Gabi diz que o treino, apesar de coletivo, acaba se tornando individualizado. “Nós nunca vamos colocar o aluno para ir além do seu limite. Ele vai se superar ao decorrer dos treinos, dando um passo de cada vez. A aula começa com um aquecimento que pode chegar a até 20 minutos. Depois, vamos para a parte técnica, porque é preciso que o aluno tenha a exata noção do que está fazendo e como está fazendo, justamente para não lesionar. Ele é acompanhado o tempo todo por um professor”.

Nesse momento da aula, a turma é dividida entre alunos “veteranos” e iniciantes. O professor vai ensinar a técnica do dia para só depois começar o treino, que no crossfit é chamado de ‘wod’. “Mesmo com as orientações passadas, o aluno sempre vai começar o treinamento com um bastão. A medida em que vai evoluindo, migra para barra e só depois coloca os pesos. Isso de forma gradativa, com segurança”, diz Gabi. Ela ressalta que as três etapas do treinamento devem ser concluídas. “Se chega já depois do aquecimento, nós não permitimos que treine. No crossfit o aquecimento é fundamental para que tenha um bom desempenho no treino e não se machuque”. Cada aula tem duração de uma hora.



Posso fazer?

O cardiologista Felipe Guerra recomenda que pessoas com mais de 40 anos, antes de fazer qualquer tipo de atividade física, devem procurar um médico e passar por uma avaliação. “O que fazemos com essas pessoas é um teste de esforço, que geralmente é na esteira ou na bicicleta. Esse teste vai nos dar um diagnóstico de como está a condição cardíaca do paciente”, explica.

O cardiologista diz que, a princípio, não há contraindicação para a prática do crossfit. “Esse é um esporte que tem três variáveis. Ele exige muita força muscular, flexibilidade e condicionamento aeróbico, mas tudo isso pode ser trabalhado, caso o paciente apresente alguma anormalidade. O exercício não mata, o que mata é o sedentarismo”, ressalta o médico. Segundo ele, as doenças cardiovasculares como o Acidente Vascular Cerebral (AVC) e o infarto, são as que mais matam em todo o mundo. “O exercício físico ajuda a preveni-las”, diz.

Ele alerta ainda que pessoas abaixo dos 35 anos também devem procurar um especialista antes do início de uma atividade física. Abaixo dessa faixa etária, a avaliação médica é bem mais simples, inclui a consulta e um eletrocardiograma.

“É importante deixar claro que não existe uma idade cronológica que limite alguém de praticar o crossfit ou qualquer outra modalidade. O que vale é a idade biológica, ou seja, como está o condicionamento daquele corpo. As pessoas, independentemente da idade, devem ficar atentas a alguns sinais como: dor no peito, tontura e cansaço excessivo durante o treino. Se você apresenta esses sinais, deve procurar o médico o mais rápido possível, porque eles podem indicar algum problema cardíaco”, conclui.



K-XIMBINHO

Do pequeno município de Taipu para o mundo, o artista potiguar misturou gêneros musicais com elementos do jazz, blues, samba e choro. Fez do apelido sua marca registrada, inclusive intitulado algumas composições

Por Rafael Barbosa

O RIO GRANDE DO Norte celebra este ano o centenário de nascimento de um dos seus filhos mais ilustres, que nasceu no município de Taipu. Imortalizado em sua obra, K-Ximbinho vive em cada nota musical de sopros e cordas de choro. Ele terá como homenagem aos 100 anos um álbum arranjado por músicos potiguares, para marcar a celebração ao mestre que tanto contribuiu para a música instrumental brasileira.

Apesar da genialidade incontestável, não foi fácil seguir a carreira na música. Quando nasceu, no mês de janeiro de 1917, não era bem visto aquele que dedicava a vida aos palcos e apresentações. Ser artista era coisa de vagabundo. O comerciante Pedro Francisco queria um filho médico, porém, Sebastião de Barros, o K-Ximbinho, já estava com os dois pés na arte, desde a infância.

De acordo com o geógrafo e pesquisador natural de Taipu João Batista dos Santos, que assina o blog Crônicas Taipuenses, ainda menino K-Ximbinho

começou a compor choros. O primeiro de todos ficou pronto quando ele ainda tinha entre 8 e 9 anos de idade. A noção que dispunha de música era do que ouvia do lado de fora da sede da Banda de Taipu, de onde observava como os alunos faziam para aprender os acordes musicais.

Esse primeiro choro, relata o pesquisador, saiu durante um castigo imposto pelo pai. Ao invés de ajudá-lo no armazém, como fazia cotidianamente, o filho resolveu jogar bola na rua. Pedro Francisco foi buscá-lo e o trancou no quarto pela desobediência. Lá dentro, saíram as notas de “Surrão”, composto na pequena flauta de bambu que a mãe lhe dera tempos antes. Ao contrário do marido, ela estimulava a veia artística do filho.

Dali desabrocharia um dos maiores músicos do Brasil, maestro, compositor, arranjador, clarinetista e saxofonista. O homem que demonstrava nos olhos a felicidade de tocar para o público. Seu instrumento preferido era o clarinete.

Perseverança

Na juventude, deixou o lado de fora do prédio da banda de música da cidade para ingressar como membro do grupo. O pesquisador João Batista relata que, ainda rapazote, K-Ximbinho foi morar em Natal e pela capital seguiu tocando o seu som. Desta vez na bandinha do grupo de escoteiros do bairro do Alecrim.

Ao atingir a maioridade, alistou-se

no Exército Brasileiro. Contudo, o objetivo era só um: estudar música. Ele considerava as bandas militares as melhores entre todas, e por lá iria se especializar.

O músico potiguar Chico Bethoven destaca que K-Ximbinho é de uma remessa do choro de meados do século XX. Entretanto, ressalta que ele tem a mesma importância para o gênero que o maestro Pinxinguinha.

K-Ximbinho ganha mundo

Foi nas Forças Armadas que o soldado Sebastião de Barros ganhou o apelido que lhe acompanhou na vida artística. Segundo João Batista, Sebastião parecia com um antigo saxofonista da Banda do Exército Brasileiro que não tirava o instrumento da boca. Daí a alcunha. A partir daí, fez do apelido sua marca registrada, inclusive intitulado algumas composições, como “K-Xim Bounc Blues”, “K-Ximbodega” e “K-Xintema”. Na hora de apresentar suas músicas, o instrumentista combinava o seu gosto, misturando jazz, blues, choro e referências

da música nordestina. E não se intimidava em improvisar.

Em 1938, passou a integrar a Orquestra Tabajara. “É importante destacar também que ele foi um dos caras responsáveis por inserir o choro na formação de big band. Na época da Orquestra Tabajara ele compôs vários choros que foram gravados pela orquestra, como também fez arranjos para os discos”, detalha Chico Bethoven.

Quatro anos depois, o maestro taipuense radicou-se no Rio de Janeiro, desligando-se da orquestra. Rebatizado como K-

Ximbinho, e já cansado da rigidez do regime militar, saiu do Exército para ganhar o Brasil. Na década de 1940, tocou em outras orquestras. Foi músico de estúdio, acompanhando cantores. Mudou-se para o Rio de Janeiro por conta de um convite que lhe fez integrar a Banda Fon Fon, uma das mais famosas da época, e o taipuense talentoso aparecia em cenário nacional como uma novidade da música instrumental. Foi no Rio que teve contato com o jazz. Uma de suas principais influências foi o Mestre Cipó (Orlando Silva de Oliveira Costa),



K-Ximbinho se apresentando em noite no Rio de Janeiro, na década de 1950



K-Ximbinho & Regional Rio Antigo, em 1978



K Ximbinho e seu conjunto “Ritmos e Melodias”, lp 10p raríssimo



Disco o samba de Cartola



presença da cultura dos Estados Unidos na obra de K-ximbinho

grande saxofonista-tenor. Também, do lendário Charlie Parker, ícone da geração Beat.

Nos anos de 1950, Sebastião K-Ximbinho se mandou para as terras europeias. A turnê por países do Velho Continente consagrou seu sucesso internacional. Bethoven conta que, na volta ao Rio, o instrumentista trabalhou também como arranjador na Rede Globo de Televisão e na TV Tupi. “Era o maestro da orquestra da Rede Globo”. Nunca parou de estudar música. Em seu currículo, fez cursos com Joachim Koellreutter, compositor, professor e musicólogo de origem alemã.

Ano após ano, o músico consagrou composições suas que até os dias de hoje são clássicos do choro, como “Sonoroso”, “Eu Quero É Sossego”, “Saudades De Um Clarinete” e “Gilka”, nome de uma de suas seis filhas. Há ainda um filho. A família foi construída com Maria Stella, com quem viveu até o fim de seus dias. K-Ximbinho morreu em junho de 1980, aos 63 anos de idade, vítima de um acidente vascular cerebral, mas sua herança musical ainda ecoa pelos quatro cantos do Brasil. Já no fim da vida, fazia um curso por correspondência na Berklee College of Music, faculdade de música de Boston, em Massachusetts, nos Estados Unidos.



Maria Stella,
esposa de
K-Ximbinho

Ode ao mestre

A obra do maestro K-Ximbinho é motivo de diversas homenagens de artistas de diferentes estados brasileiros. Mas, no Rio Grande do Norte, terra natal do compositor, não há registro físico de homenagem em disco. Neste ano do centenário, um grupo formado por instrumentistas do cacife de Diogo Guanabara, Chico Bethoven, Dudu Taufic, Alexandre Moreira e Antônio de Pádua, além de outros, prepara um CD somente com músicas do taipuense.

“Comecei a conhecer a obra dele ainda quando estava no início dos estudos da música, nos anos noventa”, recorda Guanabara. Para o bandolinista potiguar, K-Ximbinho tem grande influência no gênero choro tocado em todo o país. “Levou muito do jazz ao choro”, acrescenta.

Foi pensando na contribuição do maestro para a música instrumental que Diogo Guanabara e os outros músicos resolveram elaborar o CD. Ainda não há muitos detalhes sobre quando o disco será lançado. A expectativa é de que sirva como uma forma de retribuir ao mestre tudo o que ele deixou para o gênero.

Chico Bethoven conta que o disco será gravado ao vivo, a partir de dois shows que vão ser realizados pelos músicos que integram o projeto. “Os locais ainda serão definidos, após a captação do recurso”, diz. Isso porque tanto as apresentações quando o CD serão custeados por meio da Lei Djalma Maranhão, de incentivo à cultura.

O compacto terá não apenas músicas de K-Ximbinho, mas também dos compositores que integram a banda. “A ideia é fazer a homenagem e mostrar que ainda tem gente fazendo aqui, mostrar o legado”, explica Bethoven.



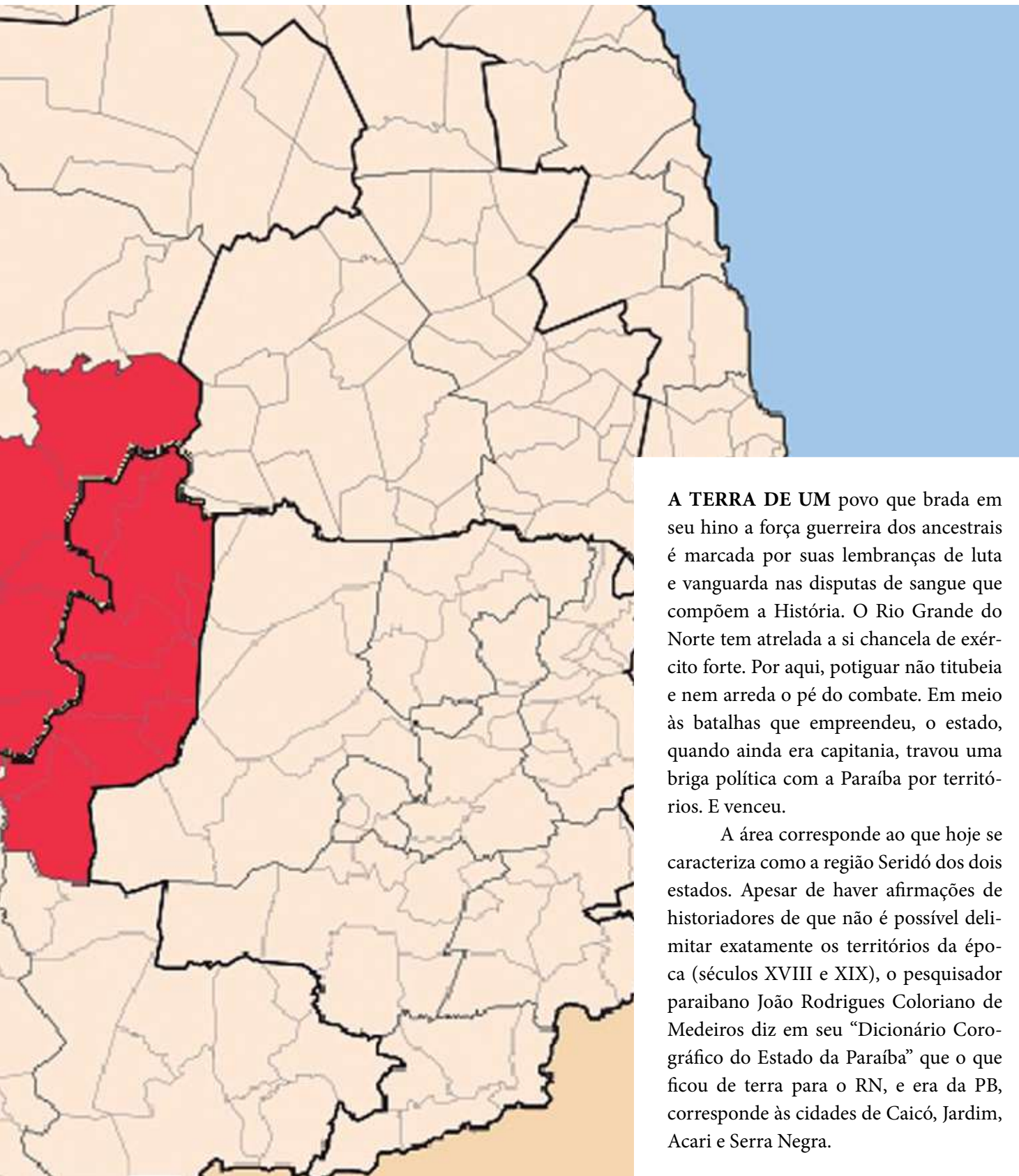
Diogo Guanabara, bandolista



Paraibanos vs. potiguares

Território que corresponde à região Seridó potiguar, no interior do Rio Grande do Norte, foi motivo de disputa e polêmicas resgatadas por historiadores

Por Rafael Barbosa



A **TERRA DE UM** povo que brada em seu hino a força guerreira dos ancestrais é marcada por suas lembranças de luta e vanguarda nas disputas de sangue que compõem a História. O Rio Grande do Norte tem atrelada a si chancela de exército forte. Por aqui, potiguar não titubeia e nem arreda o pé do combate. Em meio às batalhas que empreendeu, o estado, quando ainda era capitania, travou uma briga política com a Paraíba por territórios. E venceu.

A área corresponde ao que hoje se caracteriza como a região Seridó dos dois estados. Apesar de haver afirmações de historiadores de que não é possível delimitar exatamente os territórios da época (séculos XVIII e XIX), o pesquisador paraibano João Rodrigues Coloriano de Medeiros diz em seu “Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba” que o que ficou de terra para o RN, e era da PB, corresponde às cidades de Caicó, Jardim, Acari e Serra Negra.

A disputa

De acordo com pesquisas do professor doutor Helder Alexandre Medeiros de Macedo, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o entrevero teve nascente no ano de 1788. Foi quando o então ouvidor-geral da Comarca da Paraíba, desembargador Antônio Filipe Soares de Andrade Brederodes, encaminhou representação ao governo da Capitania de Pernambuco pedindo que as povoações dos Cariris, Seridó e Açú fossem erigidas em vilas. Ou seja, iria oficializar os locais enquanto vilas.

Após a autorização, a Povoação dos Cariris passou a ser Vila Nova da Rainha; a Povoação do Seridó tornou-se Vila Nova do Príncipe, e a Povoação do Açú, Vila Nova da Princesa. José Augusto Bezerra de Medeiros explica



Caicó em 1920

em seu livro “Seridó” que a criação dessas vilas tinha como objetivo, naqueles tempos, obrigar a recolher a elas os vadios para trabalharem, promover o castigo dos delinquentes, estimular a agricultura e aumentar o comércio.

Além disso, lembra o historiador Helder Alexandre em sua tese de doutorado, as vilas eram

uma tentativa de viabilizar a política de povoamento e urbanização inerente ao projeto colonial português da segunda metade do século XVIII. No termo que instituiu especificamente o território da Vila Príncipe, o ouvidor-geral da Paraíba delimitou todo o distrito da chamada Freguesia de Senhora Santa Anna do Caicó. As fregue-



Cidades de Caicó e Florânea, que pertencem ao Seridó potiguar

sias eram as paróquias - menores divisões administrativas no então Brasil Colônia, isso porque a Igreja Católica teve papel definitivo na organização territorial colonial, de acordo com os historiadores.

Desta maneira, o ouvidor, ainda de acordo com os estudos do professor Helder Alexandre, deu como parte da vila uma “vasta área” correspondente ao sertão da Capitania do Rio Grande, e também parte do sertão da vizinha Capitania da Paraíba. Na época, a Capitania do Rio Grande, segundo o estudo do professor Helder, era subordinada do ponto de vista judiciário à Comarca da Paraíba. Por isso a intromissão da capitania vizinha em terras potiguares.

“Nos limites da Capitania do Rio Grande do Norte estavam compreendidos, via de regra, os municípios criados até então, dentre eles o da Vila Nova do Príncipe, cujo território expandia-se até a vizinha Paraíba”, diz o historiador. Helder Alexandre de Macedo aponta em sua tese que a sobreposição de territórios causava conflitos de jurisdição. Quando havia de se resolver questões envolvendo as vilas, não se sabia a qual das duas recorrer.

As divergências entre as duas capitanias se acirraram ainda mais em 1818. O professor destaca que naquele ano foi editado um diploma que desmembrava o território do Rio Grande do Norte da Comarca da Paraíba, concedendo autonomia judiciária.

Embate político

As pesquisas que compõem a tese de doutorado do professor Helder Alexandre Me-deiros de Macedo indicam que, em 1831, mais um capítulo da disputa de território entre Paraíba e Rio Grande do Norte era escrito. Sob proposição do então deputado potiguar Padre Brito Guerra, foi demarcado o distrito de Vila Nova do Príncipe, dando à agora Província do Rio Grande do Norte a propriedade de todo o território, e delimitando à Paraíba o que lhe competia tomar de conta. “Mesmo com a edição dessa legislação conciliadora, os ânimos dos habitantes do sertão da Paraíba não se acalmaram por completo”.

Segundo o professor, três anos mais tarde, em 1834, os deputados paraibanos encaminha-

ram um pedido à Câmara dos Deputados do Império solicitando que o decreto que marcava os limites da Vila Nova do Príncipe fosse anulado, sob alegação de que contrariava interesses territoriais. A reclamação não foi aceita, no entanto, o embate político gerou, de acordo com o pesquisador, repetidas discussões acaloradas entre os deputados das duas províncias.

Após muita briga, a votação do parecer da Comissão de Estatística no âmbito do Legislativo nacional, em 1835, manteve as fronteiras estabelecidas no decreto de 1831. Essas divisões são as que conhecemos hoje como o fim e o começo de cada um, no encontro territorial dos dois estados.

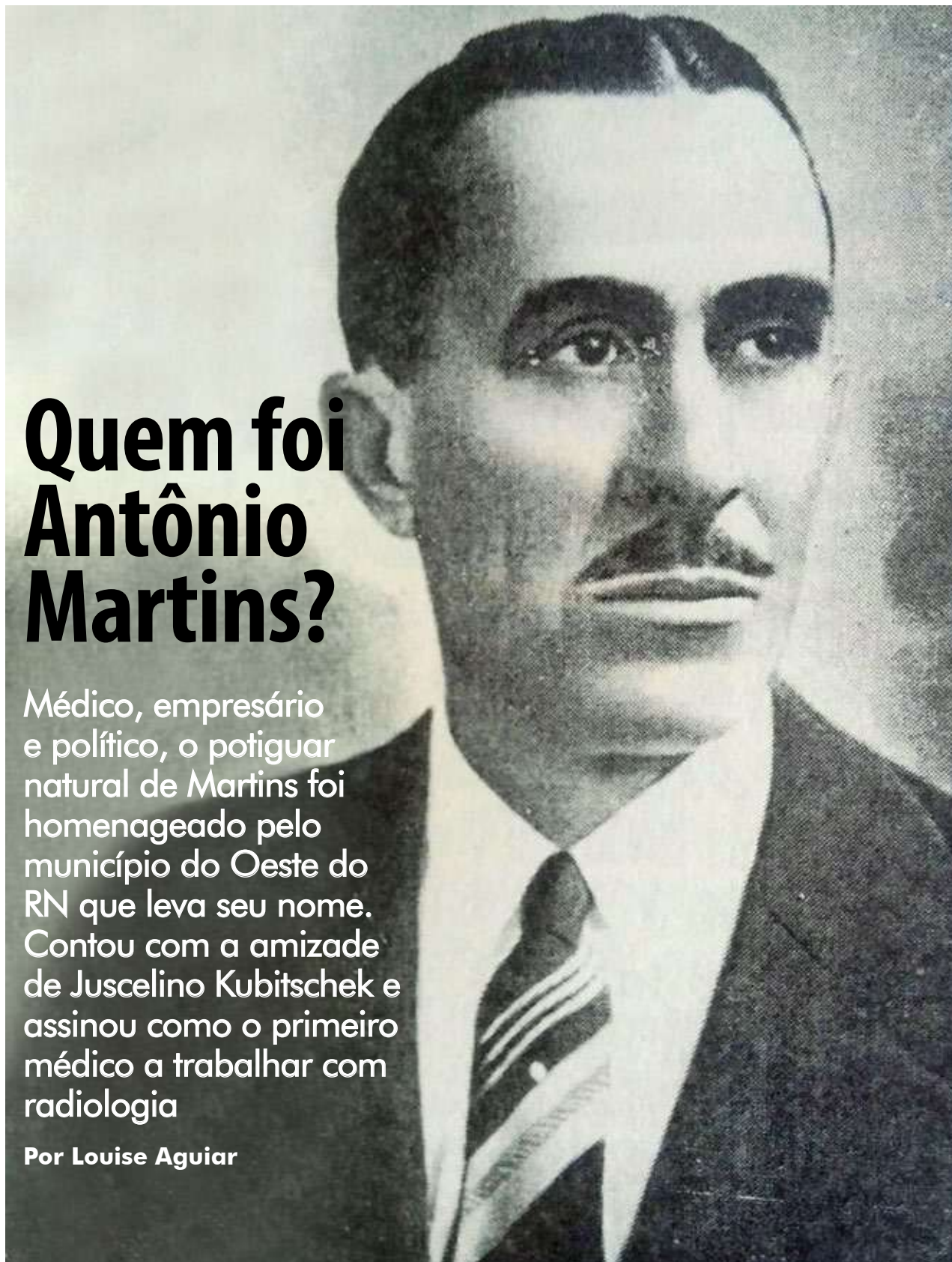


Padre Brito Guerra era deputado e foi o responsável pela mudança na territorialização

Quem foi Antônio Martins?

Médico, empresário e político, o potiguar natural de Martins foi homenageado pelo município do Oeste do RN que leva seu nome. Contou com a amizade de Juscelino Kubitschek e assinou como o primeiro médico a trabalhar com radiologia

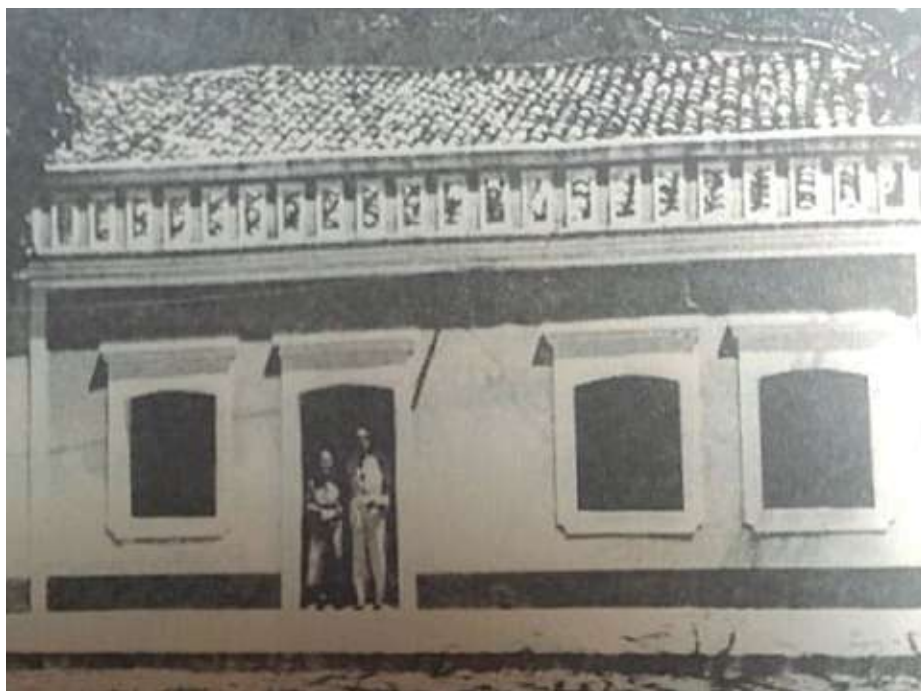
Por Louise Aguiar



DISTANTE 357 QUILÔMETROS DE Natal, o município de Antônio Martins, localizado na região Oeste do Rio Grande do Norte, guarda uma história

interessante que nasce com o seu nome. A cidade é homenagem ao médico Antônio Martins Fernandes de Carvalho, que foi deputado federal e se destacou pe-

las obras que trouxe à região nos anos 1950. Natural de Martins, assumiu a Prefeitura de Portalegre em 1952, mas foi na Câmara Federal que marcou sua história.



Casa de Dr. Bianor Fernandes em Martins, local do nascimento de Dr. Antônio Martins

Origens

Antônio Martins Fernandes de Carvalho nasceu em Martins, no dia 6 de setembro de 1905. Filho de Joaquim Inácio de Carvalho e de Maria Gomes de Oliveira Carvalho, iniciou os estudos no Grupo Escolar Almino Afonso, mas só os concluiu em Caicó. Em seguida, fez o curso secundário no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, dirigido por jesuítas e, após a conclusão dos estudos, matriculou-se na Faculdade de

Medicina da Universidade do Brasil, também no Rio.

Conta o historiador potiguar Chagas Cristóvão, em seu livro sobre a cidade de Antônio Martins, que depois de um brilhante curso, Antônio colou grau em 1933. Logo em seguida voltou ao RN e rapidamente foi nomeado médico da Polícia Militar e radiologista do então Hospital Juvino Barreto, hoje Hospital Universitário Onofre Lopes (Huol), da UFRN. Martins foi o

primeiro médico a fazer radiologia no estado.

Depois de alguns anos prestando serviços a esses hospitais, decidiu voltar ao Rio de Janeiro para assumir a gerência da empresa Alfredo Fernandes & Cia, da qual era sócio. Além de médico, também dedicou sua vida à atividade empresarial. Mas foi em 1952 que sua vida mudou, ao entrar para a política concorrendo ao cargo de prefeito de Portalegre.

Admirável político e morte súbita

“Embora servindo a um partido político desde 1928, nunca disputou cargos eletivos, até que, em 1952, concorreu a eleição para prefeito de Portalegre, porque se dizia então que só ele era capaz de dar a vitória à UDN”, conta Chagas em seu livro.

Antônio Martins foi eleito e em seu mandato construiu maternidade, lactário, linhas postais telegráficas, mercado público, abriu e conservou estradas e rodagens, rasgou avenidas, dotou a sede de luz própria, iniciou as obras do primeiro açude público do município, mas, segundo a história, um dos melhores serviços prestados à sua terra foi ter pacificado politicamente Portalegre.

“Em 1954 seus municípios apresentaram-no para uma das cadeiras da representação federal. Negou-

se duas vezes a essa condição. Ainda assim, obteve 13.079 votos, que lhe asseguraram uma primeira suplência na Câmara dos Deputados – pela UDN. Esteve em exercício do mandato de 19 de abril a 30 de julho de 1956 e de 24 de abril a 14 de novembro de 1957”, destaca o livro de Chagas.

Casado com Maria Edite Fernandes desde 1936, com quem teve o filho Sérgio José Fernandes, que também se tornou médico, Antônio Martins se suicidou no dia 15 de novembro de 1957, no Muquém (Boa Esperança), em Martins. Foi sepultado no Rio de Janeiro, contrariando o seu desejo de ser enterrado na cidade em que nasceu, terra que muito amava.

De acordo com a edição do dia 16 de novembro de 1957 do

O amigo Juscelino Kubitschek

Conforme o livro de Chagas Cristóvão, em trechos de matéria publicada no jornal O Mossoroense em 17 de novembro de 1956, aparece uma carta de Juscelino Kubitschek endereçada a Antônio Martins. “Prezado colega e amigo Dr. Antônio Martins: por sugestão de nosso comum amigo, deputado Joselin Villar, ilustre candidato ao governo do Rio Grande do Norte, já me dirigi a várias personalidades do município de Portalegre, que tem

a felicidade de ver, à frente da Prefeitura, o ilustre colega. Não quis, também, deixar de enviar-lhe a minha mensagem de cordialidade, pois sei que a sua força política nesse município é indiscutível, graças, principalmente, à maneira correta de suas atitudes e a perfeita compreensão, na análise dos problemas da terra. É com admiração e amizade de colega, que me subscrevo. Juscelino Kubitschek, em 6 de agosto de 1956”.



Jornal da época noticia morte de Antônio Martins

jornal Diário de Natal, Martins atirou no próprio coração. O que motivou o médico e político a cometer suicídio é desconhecido até hoje, mas, segundo o jornal, ele teria deixado sete cartas endereçadas a familiares, nas quais explicava suas razões para tirar a própria vida. O meio político da época foi tomado por forte consternação.



Juscelino Kubitschek

Sai Demétrio Lemos, entra Antônio Martins

Segundo contou Adalzira Nunes ao pesquisador Chagas Cristóvão em 2003, Antônio Martins “foi um deputado ao seu modo simples, assistencialista, nunca cobrou um centavo de ninguém, e ainda trazia medicação para fazer doação

ao pessoal. Era uma pessoa muito simpática. Quando a cidade foi mudar de nome, de Demétrio Lemos para Antônio Martins, alguém apenas comentava o fato da morte dele, um suicídio, que naquela época ainda causava um espanto mai-

or. Porém, não houve resistência, até porque a comunidade não tinha muita visão do significado do nome do coronel Demétrio Lemos, que foi uma pessoa brilhante, mas não existia nada no município que dissesse respeito à atuação dele”.



Mirante e santuário São José



Parque aquático da cidade



Município de Antônio Martins, antes chamado Boa Esperança

A cidade

A população de Antônio Martins é estimada em 7.221 pessoas, segundo dados do IBGE de 2016. O início de seu povoamento data do final do século XIX, com o nome de Boa Esperança, que teve como incentivador Justino Ferreira de Souza, responsável por erguer a primeira morada, o cemitério e tendo iniciado a construção da Capela de Santo Antônio.

A região progrediu, ampliando-se o número de residências e,

em 1943, passou a ser chamada de Demétrio Lemos, em homenagem ao Coronel Demétrio do Rego Lemos, natural de Martins, que entre outras benfeitorias construiu com seus próprios recursos a Rodovia 13 de Maio, com extensão de seis quilômetros. Quando da criação do município, teve o nome mudado para Antônio Martins, homenagem ao médico e político local que, como deputado, defendeu vários projetos para a região Oeste do Estado.

O município foi desmembrado de Martins em 8 de maio de 1962, por meio da Lei Estadual nº 2.754. A lei, no entanto, foi declarada inconstitucional pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte. Assim, a criação e emancipação do município foram ratificadas em 26 de março de 1963, por meio da Lei Estadual de nº 2.851, e a nova edilidade instalada solenemente em 4 de abril do mesmo ano.



PSICODÁLIA, o Woodstock brasileiro

Evento que acontece no sul do Brasil é alternativa para um carnaval musical, mas com estilo diferente do usual. Rock progressivo, MPB, elementos como sustentabilidade e liberdade de ser compõem a festa que completa 20 edições

Por Alice Lima, de Curitiba (PR)

PAZ, AMOR E MÚSICA. Ou o outro trio de palavras cujas duas iniciais começam com s, d e... *rock'n'roll*. O cenário é verde no chão e pelos caminhos arborizados, aliado ao colorido das roupas, adereços e materiais por toda parte. O som, se cor tivesse, multicolorido ele também seria. Cabelos ao natural dançam no embalo da música. Todas aquelas pessoas reluzentes parecem em busca da genuína felicidade, contato com arte, cultura e natureza. Com a descrição, as imagens que chegam à mente certamente remetem ao

festival dos festivais, o Wodstock, que em 1969 levou milhares de jovens para três dias que ficaram eternamente marcados na história. Porém, não é do evento realizado nos Estados Unidos e que reuniu Jimi Hendrix, Joan Baez, Santana, The Who e outras 30 bandas que estamos falando. É do Psicodália, uma ideia bem original, mas que pode, sim, ser pensada como o “Woodstock brasileiro”. E a melhor notícia: acontece pelo menos uma vez por ano, em uma fazenda na cidade de Rio Negrinho, Santa Catarina.



Woodstock, nos Estados Unidos, em 1969

Como os nossos pais

Das coisas que se aprendem nos discos, quem chega ao Psicodália pode ter a sensação de uma prazerosa viagem no tempo de volta às décadas de 1960 e 1970, 'bichos grilo' e onda hippie. As roupas – ou a falta delas – estão no mesmo estilo. Mas, como viver é melhor que sonhar, os ídolos podem ainda ser os mesmos, e se misturam às bandas de rock e outras independentes. O festival, que em 2017 acontece durante o Carnaval, está completando 20 edições. São oficinas, artistas, ideias e trocas muitas, cujo grande lance é a interação entre os que estão dispostos à experiência. Afinal, qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa.

Em 2001, a primeira edição, chamada de "Angrastock", foi em Angra do Reis, Rio de Janeiro, e contou com 150 participantes.



Alexandre Osiecki, um dos idealizadores e organizadores do evento

Alexandre Osiecki, um dos idealizadores e organizadores do evento, explica que a motivação era criar um espaço para que bandas autônomas pudessem divulgar seus trabalhos para uma *cena de cabelo ao vento e gente jovem reunida*. As-

sim, os criadores movimentaram músicos, principalmente do rock progressivo, juntaram equipamentos e organizaram ônibus com cartazes caseiros e feitos a mão.

Dois anos depois, já batizada de Psicodália, a festa passou a ser na Lapa, região metropolitana de Curitiba, Paraná. O festival foi crescendo e passou por outros locais, até que, em 2010, aconteceu a primeira edição em Rio Negrinho, onde permanece até hoje. A Fazenda Evaristo possui 500.000 m2 de área verde, lagoas, trilhas e cascatas. A estrutura conta com praça de alimentação, *saloon*, bares diversos, mercearia, 310 banheiros, tirolesa, unidade móvel de saúde, cinco áreas grandes de camping e estacionamento para bicicletas, carros, motos, ônibus e *motorhome*.



Eder Capobianco



É rock, é MPB, é jazz

Música e arte *que é pro mundo ficar odara. Apesar de amar o passado, o novo sempre vem e*, ao longo dos anos, o rock progressivo continua sendo destaque, mas é envolvido em outras expressões da música brasileira e internacional. Grandes nomes já passaram pelo 'Dália'. Moraes Moreira é um deles, que revelou ter sido a melhor passagem de som da sua carreira. Alceu Valença, Elza Soares, Os Mutantes, Relespública, Nação Zumbi, Naná Vasconcelos, Blindagem, Wander Wildner, Blues Etílicos, Yamandú Costa, Almir Sater, Jupiter Maçã, Violeta de Outono, também. Além dos nacionais, Gong, John Kay e Steppenwolf e Ian Anderson foram ilustres presenças.

Em sua edição comemorativa, as atrações de 2017 procuram unir estilos variados e agradar mais públicos.

Entre os shows, que iniciam às 14h e seguem até a madrugada: Ney Matogrosso, Erasmo Carlos, Cátia de França, Céu, Sá & Guarabyra, Liniker e os Caramelows, Casa das Máquinas, Cabruêra, DiMelo + Trombone de Frutas, Central Sistema de Som, entre um total de mais de 50 shows.



Elza Soares



Alceu Valença foi um dos grandes destaques do Psicodália

Mente sã, corpo sã

De acordo com Alexandre Osiecki, as oficinas mais procuradas costumam ser as com atividades de movimento corporal, como yoga e alongamentos. Mas as possibilidades são muitas e uma que fez sucesso em edição recente foi sobre física quântica. Afinal, o que combinaria melhor que carnaval e as leis de Max Planck?

Este ano tem oficina de grafitti (se o Dória não aparecer), livretos artesanais, audiovisual, aquarela em tecido, gestão de resíduos, vinhos artesanais, tai chi chuan, desenho de nu artístico, filtro dos sonhos, linguíça e hambúrguer artesanais, risoterapia e tantas mais que a criatividade pode permitir.

As sessões de cinema, assim como toda a programação, acontecem 24 horas por dia e prezam pelas produções independentes, lançamentos nacionais e opções enviadas por cineastas. As exposições acontecem em tendas em meio à fazenda com telas e caixa preta. Alguns dos filmes exibidos: Xingu Cariri Caruaru Carioca, Sistema de Animação, a Tainha e a Onda e a Roda da Fortuna.

Teatro, ao ar livre, tem umas apresentações mais adultas, outras mais infantis, como Por 3 fios, Pirata da Perna de Pau, Maçarico Bêbado Aventuras Possíveis, Sombras de Re-Existência, entre outras.



Oficinas de livretos artesanais



Oficina de grafitti



Oficina de mandalas



Teatro ao ar livre para crianças



Eder Capobianco

As acomodações são em campings

Habitantes do Psicodália

Segundo Alexandre Osiecki, 60% do público tem entre 22 e 35 anos, embora o número de pessoas mais velhas cresça a cada ano. Apesar de ter jovens ávidos por diversão carnavalesca – ainda que diferente do carnaval tradicional –, o festival recebe muitas famílias e também crianças acompanhadas dos seus responsáveis. Como a acomodação é de campings divididos, esses grupos têm espaços exclusivos para montarem suas barracas. Para os pequenos, há recreação infantil com arvorismo, teatro, pintura etc, na qual as famílias podem deixar a criançada enquanto curtem a programação.

Sempre muito bem-vindos

também são os cachorros. Em uma das representações mais interessantes do Psicodália, a de um cão com uma câmera sobre a cabeça percorrendo e filmando tudo que acontecia, livre, leve e solto em meio à multidão, está entre as melhores recordações.

Mesmo com o crescimento e a fama, o festival continua mais famoso no cenário do Sul e do Sudeste. As cidades cujas pessoas mais participam são Curitiba (onde moram os organizadores), Florianópolis, Joinville, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O público pode levar suas próprias bebidas e comidas, embora exista uma mercearia que concentra

tudo que se pode precisar. Pizza, cerveja, utensílios como fraldas, repelentes e cordas de violão!

A organização tem muitos detalhes. Além de oficinas, tendas de cinema, teatro e mais de 50 bandas, somam-se bares, alimentação, segurança, limpeza, saúde e demais serviços. A chegada de artistas considerados mais ‘pop’ e outros estilos que divergem mais do objetivo inicial nem sempre é vista com bons olhos. Há os que reclamem das mudanças. “Começou mais inovador e independente. Agora está comercial e se distanciando da sua essência”, disse um ex-frequentador que não quer se identificar.

Apesar dos que preferiam as edições iniciais, a realidade é que o evento só alarga suas fronteiras em número de visitantes. O quarto e último lote foi vendido por 440 reais (para todos os dias do evento), com expectativa de cinco mil pessoas. “A gente tenta agradar todo mundo, diversificar, mas nem sempre há quem não goste de todas as atrações”, explica Alexandre.

“Fui em 2015 e me surpreendi porque foi meu primeiro fes-

tival e decidi que iria sozinha. Chegando ao ponto de encontro da excursão, descobri que ninguém vai realmente sozinho em um lugar como o Psicodália. Todo mundo está junto, todo mundo é muito parceiro. A sensação de estar na fazenda com toda aquela gente de energia boa foi maravilhosa. Gente de todo tipo, de todas as idades, de vários lugares diferentes desse nosso Brasilão”, lembra Jaíne Bach Livoni, para quem “o Dália é só amor, da cabeça aos pés”.



Jaíne Bach Livoni, chef, diz que o “Dália” é amor”

Eder Capobianco





Eder Capobianco



Eder Capobianco

Faça amor, não faça guerra

Em toda a história do evento não há registro de brigas e confusões. Algumas ocorrências registradas são de pessoas que se machucaram dançando ou andando, foram picadas por insetos. Fora isso, um fato inusitado aconteceu quando moradores da cidade quiseram “invadir” o festival. Não para brigar, mas para curtir. Nada que uma negociação paz e amor não resolvesse. Para garantir a tranquilidade, Alexandre reforça que contam com seguranças, farmácia e ambulatório.

Liberdade é um sentimento bastante presente na atmosfera que paira sobre o ambiente. No lago, mulheres e homens tomam banho sem roupas – total ou parcialmente. Não como protesto ou ato de reivindicação. Simplesmente como um contato natural e livre com a natureza, sem tabus ou amarras.

Viver do que a natureza tem pra dar

A organização do Dália garante que existe uma preocupação em oferecer produtos que não gerem lixo. As opções menos saudáveis da mercearia, como refrigerantes, estão disponíveis, mas há o incentivo ao consumo das mais naturais, como sucos. Para isso, os preços do que vem da natureza são mais em conta que dos produtos industrializados. “Abolimos o cachorro-quente devido a salsicha não ser um

produto que faça bem e inserimos o pão com ovo. Procuramos comprar produtos da região”, conta Alexandre.

Segundo o organizador, as preocupações com o tema sustentabilidade continuam mesmo depois que os dias de festa terminam. O material adequado à prática é reciclado 100%. Os banheiros secos passam por tratamento ao longo do ano com um engenheiro ambiental. As latas, por sua

vez, são compactadas na fazenda e enviadas às cooperativas locais. “Temos toda essa preocupação porque o Psicodália é uma pequena cidade de seis mil habitantes e a gente consegue separar o lixo. Em outras cidades, reais, os problemas seriam os mesmos a enfrentar e a gente sabe que é possível. Damos o exemplo e então aquele público pode reproduzir o comportamento em seus ambientes”, reforça.





Pela beleza do que aconteceu minutos atrás

Quanta gente passou pelos palcos e território do Woodstock brasileiro! Algumas histórias empolgam seus organizadores. As lembranças estão diretamente ligadas ao espírito que construiu o Psicodália, entre sonhos e música. Em umas das primeiras edições do evento, os seus criadores enviaram uma carta que parecia sonhada para a Sérgio Dias, de Os Mutantes.

Anos depois, ele respondeu à carta, aconselhando-os a procurar patrocínio para crescer, pois seria possível a ida do grupo ao festival. Em 2007, conseguiram levá-los. “Lembro de uma cena de Sérgio Dias andando, com um guarda-chuva, pois chovia muito, olhando cada canto, dando um rolezinho mesmo. Ele estava ali entre todos, mas ninguém o incomodava.

No Psicodália não tem isso de fãs procurando artistas. Todo mundo fica bem livre e solto, feliz e em paz mesmo”, lembra Alexandre, empolgado, como quando tudo era um sonho surreal. Transformado em realidade, símbolos e sons convidam a outra dimensão para os tempos atuais. Um universo paralelo de alegria que dura, pelo menos, enquanto é carnaval.



Por Leonardo Dantas
Fotos: Everson Andrade e arquivo

Bela, empresária e potiguar

Ícone de moda e beleza, Tereza Tinoco é também famosa anfitriã de festas memoráveis. Há 20 anos, ingressou no seletíssimo círculo de empresariado de sucesso, com a maison que é marca registrada em Natal. Versátil, cuida de todos os detalhes da sua vida e dos negócios

FALAR DA BELEZA DE Tereza Tinoco é lugar-comum, mas que encanta. Ah! Como encanta. Ícone fashion nacional, a empresária abriu as portas da sua maison para uma conversa descontraída sobre sua vida e trabalho. Ao som de música ambiente com clássicos do rock britânico, ela dispara: “Não sou nem um pouco básica”. Mas o know-how de quem trabalha no ramo da moda há muitos anos e o bom gosto na escolha da roupa para a entrevista espantam qualquer sensação de exagero que a frase possa causar. Mãe, avó, empresária bem-sucedida e solteira “por opção”, destaque esse dado pela entrevistada, ela quer mais, e garante: “É glamour aparente, mas tem muito trabalho por trás”.

Revelações

Filha mais velha de cinco irmãos, Tereza estudou toda sua vida na tradicional Escola Doméstica de Natal. Lembra com carinho dos caprichos da sua mãe, Marlene Tinoco, que foi uma forte influência no seu interesse por moda. “Minha mãe comprava muitas revistas, eu adorava. Sempre me deu vestidos lindos. Me contava que quando íamos aos aniversários minha roupa voltava impecável. Era uma criança que não se sujava”. E foi ainda menina que percebeu que a beleza requer certos sacrifícios. “Eu tinha ódio de uns vestidos de organdi que me espinhavam muito. Mas tinha que vestir aquelas roupas armadas e super engomadas”.

Tereza conta que, na década de 70, Natal possuía apenas duas boutiques: Maria Eugênia e Sarife. “Era comum ter diaristas que também eram costureiras em casa. Elas faziam as roupas de mamãe e de todo mundo lá de casa. Mas nos meus quinze anos um dos meus presentes foi comprar tudo que eu queria numa dessas únicas boutiques daqui da cidade. Foi uma delícia”.

Mesmo gostando de moda, Tereza formou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Estudos Sociais com licenciatura em História. Aos 26 anos, já estava casada e com três filhos. “Casei muito cedo e fui mãe



Uma tarde em sua grande loja

muito jovem. Quando minha filha completou dois anos comecei a trabalhar com moda. Era o início dos anos 90”.

Junto com sua mãe, a jovem Tereza montou uma confecção. Contrataram quatro costureiras e

o foco eram roupas casuais. “Nessa época eu fiz um desfile no Rio de Janeiro, na casa de uma cunhada no Leblon. Vendemos tudo que levamos e ainda trouxemos várias encomendas”. Nessa mesma época faltava na capital potiguar uma loja



Durante a entrevista



que trabalhasse com alta costura. “As mulheres nos procuravam pedindo vestidos de festa. Percebendo isso, a gente começou a fazer roupa sob medida para madrinha, mãe de noiva e até para noiva mesmo. Havia o pessoal mais tradicional, como Alba Acioly, mas que

não estava mais costurando”.

O primeiro ateliê da dupla Tinoco era na própria casa dos pais de Tereza, local onde hoje funciona a Maison, na Avenida Afonso Pena, no chamado nobre bairro do Tirol. “Meu pai ficou de saco cheio desse entra e sai de

casa, então abrimos nossa lojinha no Vila Colonial. Acho que era o ano de 96”. A loja já levava o nome da empresária e foi uma sugestão do jornalista Cassiano Arruda, que na época dirigia a agência de publicidade Dumbo. “Com um ano de funcionamento no Vila a gente precisou aumentar. Aluguei a casa ao lado e ampliei a loja”.

Como todo “bom filho à casa torna”, a loja ficou pequena para o crescimento da empresária. “Chegou um momento que ou ampliava ou fechava. Aproveitei que a casa dos meus pais estava fechada, vendi um apartamento, reformei e fiz aqui a maison. Nem gosto muito desse nome, acho antipático, é uma loja grande”. Hoje, Tereza Tinoco encanta suas clientes na casa onde passou sua juventude e, além de belos vestidos e outras peças do vestuário feminino, a loja ganhou uma seção de decoração.

“Essas grandes lojas estão sempre abrindo novos nichos, novas possibilidades. Esse setor é para agregar mesmo, porque o cliente, além de comprar a roupa, pode comprar um presente, uma lembrancinha. Hoje em dia as pessoas estão caprichando muito em suas louças, gostam de receber bem seus convidados”, observa. E sobre receber amigos e promover festas inesquecíveis, a empresária potiguar é expert e marcou também seu nome na noite natalense como uma ótima e divertida anfitriã.



Tereza Tinoco em 1998



Diversão e dança não faltavam nas festas promovidas por TT



Apaixonada por viagens, Tereza diz: Qualquer viagem eu amo. Pode ser até para Recife que é do lado (1992)



Com irmã Lorena, a amiga Lucy Colier, Luciana Galvão, em 1989

“Na minha casa tudo acabava em festa”

Dos tempos áureos quando a sociedade potiguar se reunia em grandes festas regadas a comes e bebes sofisticados, Tereza relembra do bistrô chamado Raro Sabor. “Era um ponto de encontro que começou como uma delicatense, depois virou um restaurante que

era meio bar. A gente se reunia lá com uma turma bacana, todo mundo jantava, depois alguém ia para o som, todo mundo dançava. Era super animado”, relembra. Tereza se orgulha também de ter sido percussora nas chamadas festas dançantes.

De acordo com a empresária, naquela época o protocolo era sempre o mesmo. Mulheres de um lado, homens de outro, em seguida o jantar e depois todo mundo voltava para casa. “Ninguém dançava. Então, na comemoração de aniversário de 40 anos do meu ex-marido, acho



Com Márcia Dantas, Thereza Collor, Lorena Morais, em 1996



Animada e abrindo a pista de dança

que no mínimo há 25 anos, eu convidei as pessoas para uma festa dançante. Ninguém acreditava e algumas riam. Como eu estava com amigos cariocas, ficou para eles a incumbência de abrir a pista. Porque depois que alguém começa é contagiante’.

A festa foi um sucesso e durou até as 6h da manhã. Um marco na vida noturna do chamado jet natalense. “A partir daí tudo virava festa, tudo virava dança. É tanto que quando nos separamos, as pessoas ficaram meio órfãs. Porque éramos o casal que juntava, que aglutinava”, lembra.

Para Tereza, o sucesso de uma boa festa não tem segredos e a participação da anfitriã é fundamental. “Eu já fui em festa que a dona da casa estava tão tensa, que a gente nem conseguia relaxar. Nas minhas festas eu supervisionava, mas curtia como uma convidada também. E isso era um convite para que meus amigos aproveitassem”.

A empresária afirma que uma boa comida, uma casa arrumada,



Denise Gaspar, amiga de longa data

convidados que são amigos entre si foram o combo perfeito para um bom evento social. “A receita é a mesma, não tem diferença de como era antes. O anfitrião da festa deve abrir suas portas para os amigos com o melhor que pode, numa casa arrumada e te deixando à vontade. No círculo que eu frequentei eu sou sempre muito bem recebida. Beta e Marino Almeida fazem festas sensacionais, com boa música, comida gostosa, uma casa impecável, sempre descontraídos”, exemplifica, sobre um casal de amigos de Natal.

As grandes festas hoje são

os casamentos, de acordo com Tereza. “Antes os casamentos eram bem mais chatos, tradicionais. Você esperava uma hora em pé recepcionando os convidados. No meu, por exemplo, eu lembro que fique com dor nas bochechas de tanto sorrir e cumprimentar as pessoas. Hoje não tem mais isso. Os noivos circulam entre os convidados, se divertem tanto quanto”. Mesmo com todas as conquistas, é a empresária que coloca a mão na massa em seus eventos para os amigos. “Eu coloco a mesa, quem faz a comida sou eu. Tudo na minha casa é assim”, revela.



Empresária bem sucedida



Exibindo sua beleza em 1979

Exposição, colunismo social e blogueiras

Figurinhas carimbadas no chamado Jet Set, os colunistas sociais ainda não se encontraram nesse novo universo das redes sociais, onde cada um se promove com suas fotos e vídeos instantâneos, e são personagens cada vez mais raros. Porém, é inegável a influência que esses jornalistas tinham entre os seus publicáveis no passado.

Tereza Tinoco lembra de um episódio em que afirmou durante uma entrevista que tinha muita gente que pagava para aparecer em coluna social. “Foi uma confusão, o pessoal caiu em cima. Mas negar isso é uma hipocrisia. Tinha gente que gerava mídia espontaneamente por seu trabalho ou simpatia e

tinham aqueles que pagavam, davam presentes ou faziam amizades com colunistas. Quando saí na Revista Caras, eu lembro que vieram me perguntar quanto que eu tinha pago. Eu nunca paguei para sair em coluna”.

Para Tereza, não existe mais essa necessidade de exposição em jornais, pois todo mundo pode se mostrar na internet. “Se eu quiser vender um vestido, eu tiro uma foto, posto no Instagram e já estou vendendo”. Ela conta também que, antigamente, no lançamento de coleções ou outros eventos havia uma lista de convites com colunistas, mas que atualmente o convite é feito por amizade. “Jota Oliveira era um grande amigo, que

frequentava minha casa e minhas festas. Claro que isso gerava fotos, mas ele estava ali como um amigo”. Além de internet, Tereza aponta que muita gente tem um certo receio da exposição. “Hoje, com pouca coisa, você descobre tudo de uma pessoa. Mas a vaidade humana é muito grande”.

Essa exposição excessiva também causou algumas consequências negativas para Tereza. “Já me atribuíram amantes. Pessoas que eu nem conhecia, nem tinha contato. Minha vida hoje é diferente. Já dei mais entrevistas e já me expus mais. Meu perfil no Instagram tem bastante seguidores, mas é fechado. Então, eu aprendi que essa exposição excessiva faz com que as pessoas pensem que

você tem uma vida perfeita, mesmo porque você só aparece feliz, ninguém quer aparecer chorando. E essa felicidade gera inveja”.

Uma situação bastante desagradável contada pela empresária se deu quando em uma entrevista para o caderno de economia do jornal Folha de São Paulo, dentre muitos assuntos abordados, afirmou que as mulheres natalenses eram enfeitadas e foi mal interpretada pela imprensa local. “Quer dizer, eu sou entrevistada por um dos maiores jornais do país falando de economia, tendo destaque com minha loja que é aqui em Natal, aí vem um jornalista e pega um pedacinho do que disse e distorce tudo? Paciência. Não foi de forma pejorativa, eu sou enfeitada. Todo mundo de fora que vem para Natal nota como as mulheres daqui gostam de se arrumar. É claro que tem aquelas que se enfeitam demais e as de menos. Mas quando falo de enfeitar, é se embebecar, se vestir bem. Eu fiquei muito triste com essa história”.

Ela ressalta também que na sua área é preciso sim aparecer em algumas ocasiões. “Isso acaba sendo meio dúbio. Mas como dona de uma loja de roupas eu preciso aparecer. E além de roupas, as pessoas querem ver um estilo de vida, onde eu como, para onde viajo. Se ela quer ver só roupa, tem a rede social da loja, então é preciso dosar, porque sou a vitrine do meu negócio”.

Outra personagem polêmica do mundo da moda são as blogueiras. Apesar de já ter realizado traba-

lhos com algumas delas, Tereza confia que nenhum marketing é melhor do que a satisfação real de uma cliente. “Quando eu visto uma mulher bacana para uma festa, que fica feliz com os elogios que recebe, isso para mim é a maior alegria”. Mas a empresária não nega o peso que uma blogueira famosa tem. “Uma roupa vestida por uma Thassia Naves tem um status diferenciado. Tem cliente minha que manda a foto perguntando se eu tenho o modelo usado por uma dessas superblogueiras”.

Apesar do crédito dado a essas personalidades do mundo virtual, Tereza acredita que seja algo passageiro. “Tudo hoje em dia muda tão rápido, daqui a pouco surge outra coisa”. A empresá-

ria afirma também que na capital potiguar existe muita mulher bacana, mas não cita nomes para evitar interpretações erradas. “As natalenses têm muita informação de moda, elas procuram realmente nas revistas, nos blogs. São mulheres chiques e elegantes”.

Ainda sobre os colunistas e os chamados “personal influencer”, Tinoco ressalta que o trabalho de consultoria realizado por essas pessoas é muito importante. “Se eu sou de fora e quero abrir uma loja em Natal, é lógico que eu vou procurar essas pessoas. Não vou abrir minha loja e esperar que as pessoas entrem. Será necessária uma lista de convidados com possíveis clientes e não há mal nenhum remunerar por isso”.



Caindo na folia do Carnatal/95



Com Márcia Dantas e J. Oliveira



Entre os filhos Pedro e Lula



Com os filhos mais novos Bebel e Lula

Ícone

Tereza Tinoco faz parte de um seleto grupo de empresárias e compradoras das semanas e feiras de moda. Essas mulheres bem-sucedidas são convidadas vip e ganham passagem área e hospedagem classe A para os principais eventos do segmento do país. Em uma matéria da Revista Exame de janeiro de 2012, Tereza e outras lojistas de luxo brasileiras são chamadas de “As verdadeiras mulheres ricas”, que investem em média cerca de R\$ 2 milhões por ano para abastecer as araras de suas lojas.

“Todas essas conquistas são fruto de muito trabalho. Nessas feiras de moda pelo país, as lojistas se encontram e formam sempre um bloco com as melhores lojas de cada cidade e com os melhores nomes”, conta. A principal forma de conquistar esse espaço é revelada pela empresária sem piscar de olhos: “Comprando bem e pagando”. A empresária também acredita que o fato de representar bem o segmento em que trabalha é uma boa ajuda. “Eu sou muito vaidosa, gosto muito de me enfeitar e nos eventos as pessoas procuram quem conceba o trabalhar com moda. Minha representatividade está na forma de ser, de me colocar, de vestir aqui, lá fora ou em qualquer lugar. Eu só visto o que eu vendo”.

Em um episódio, Tereza lembra que estava no aeroporto e

foi abordada por uma mulher que perguntou se ela trabalhava com moda. “Eu disse que sim e perguntei se ela também trabalhava. Respondeu que não, mas que havia percebido isso em mim pelo meu jeito de vestir. Então as pessoas já percebem. Eu não sou básica, eu tenho acesso a uma loja com muitas opções. Se eu quiser tenho o vestido mais lindo para ir a um casamento, tenho um biquíni muito bacana para ir à praia. Eu tenho acesso e uso”.

Com um quarto em casa transformado em closet e atualizado a cada estação, Tereza afirma que para ter bom gosto não precisa de muito dinheiro. “O mesmo valor que você gasta com uma coisa feia, você pode gastar em algo bonito. Uma menina novinha não precisa de muita coisa para fazer diferença no seu guarda-roupa. Inclusive ela pode até misturar boas peças com roupas de fast fashion. Já uma mulher madura, ela precisa de um tecido melhor, um corte bonito e bem feito. Lógico que ela não precisa comprar 500 peças. E na moda, um jeans que você comprou há quatro anos, você pode usar hoje. Você precisa de básicos de qualidade. Hoje as pessoas têm muito mais acesso às informações, então, uma pessoa antenada sabe usar as tendências a seu favor e não se tornar uma vítima da moda”.



Família reunida. No topo, os pais Marlene e Gutemberg Tinoco



Com 15 anos, no Clube América



Modelo aos 15 anos de idade



Ao lado do saudoso amigo Jota Oliveira

Mais básico

Tereza não tem medo de ser associada à futilidade pelo seu estilo de vida e o nicho em que trabalha. “Eu acho até cafona pensar que moda é futilidade. Pelo contrário, eu bato muita pestana, passo noites sem dormir, ralo pra caramba porque eu tenho um custo muito alto. Meu ramo é para gente muito corajosa. Porque ser empresária nesse país não é fácil e a cada dia está pior”.

De acordo com a empresária, a situação econômica em que o Brasil vive desde o ano de 2015 provocou algumas mudanças no segmento. “Nossa loja está mais diversificada, então, tenho trazido peças mais básicas com valores mais acessíveis, pois não dá mais para trabalhar apenas com roupa cara. Se não adequar ao que está acontecendo, é fechar as portas. E é o que está acontecendo com muita gente grande lá fora”.

Com todas essas dificuldades, algumas apontadas nominalmente como a alta carga tributária do Brasil e as leis trabalhistas brasileiras, Tinoco se considera uma batalhadora. “Um amigo sempre fica impressionado com o fato da loja estar aberta há 20 anos, enfrentando todos esses desafios e me chama de guerreira. É uma guerra mesmo, me sinto vitoriosa de ter chegado até aqui, mas é muito pouco ainda, quero continuar e estou trabalhando para isso”.



Revéillon 93/94 no Hotel Vila do Mar com Márcia e Elenir Fonseca



A amiga Denise Gaspar



Tereza Tinoco, Jota Oliveira, Jota Epifânio e Clodovil



Desfile na Maison Tereza Tinoco



The Forks

WINNIPEG

UM CONVITE AO INVERNO CANADENSE

Culinária diversificada, brincadeiras na neve e temperaturas que chegam negativamente a 40° fazem o cenário da charmosa cidade do Canadá

Por Camila Pimentel - De Winnipeg, Canadá



INVERNO, FRIO, NEVE...É

O cenário que você encontra em Winnipeg, no Canadá, em pleno mês de janeiro, quando é verão no Brasil. Temperatura abaixo de zero e que chega a 40°C negativos. Mesmo assim, passear na cidade significa descobrir a essência do canadense, sua cultura e história que teve ligação com povos indígenas.

O lugar amanhece por volta das 9h e anoitece às 17h. O dia passa muito rápido. Durante as baixas temperaturas tem que se aproveitar ao máximo para patinar, esquiar e realizar outras atividades ao ar livre, típicas das baixas temperaturas. Visitar Winnipeg no inverno é muito gostoso para conhecer e viver novos hábitos e a primeira lição é: comprar calças, casacos e botas térmicas, pois assim você fica bem agasalhado e pode andar tranquilo pela neve.



Pôr do sol próximo ao Parque Kildonan



Fort Whyte Alive



Área aberta do The Forks

Atrativos de inverno

Ser turista não significa desembolsar muitos dólares canadenses, já que você consegue esquiar e patinar gratuitamente. Para patinar, o The Forks, que é o encontro dos rios Red e Assiniboine, é o lugar ideal. Lá, é possível alugar um par de patins por \$ 5 e patinar por tempo livre gratui-

tamente sob os rios congelados. A sensação é de liberdade!

Além de patinação, o The Forks Market também é uma boa pedida para almoçar e comprar artesanato, além de boas opções das gastronomias chinesa, japonesa e argentina. Winnipeg é uma cidade que recebe muitos imi-

grantes, então a sua culinária é bem diversificada.

Para esquiar você também tem a opção gratuita no Fort Whyte Alive. Basta colocar o nome na lista para conseguir os esquis e os bastões e em seguida participar das aulas voltadas a iniciantes. Caso seja um expert em



Fachada e área interna do The Forks Market





Fort Whyte

esquiar, pode ir ao Windsor Park e pagar a bagatela de \$ 15. Ainda no Fort Whyte, há tobogã e prática de outros esportes que envolvem neve.

O Assiniboine Park também é uma boa opção para turistas, pois tem o zoológico comursos polares, jardins, áreas de entretenimento para crianças e passeio de trens. Os ingressos

custam entre \$ 15 e 25. Já para saber um pouco mais da história da cidade, o turista pode visitar dois museus: o Manitoba Museum, no Centro de Winnipeg, que também abriga o Planetário, e o Canadian Museum for Human Rights, próximo ao The Forks.

Assistir a um jogo de hóquei é outra forma de se divertir em Winnipeg. Os jogos ocorrem

no MTS Centre, complexo de lazer e eventos. Existem dois times locais: o Manitoba Mouse e Winnipeg Jets, que levam as torcidas à loucura.

Para terminar o tour na cidade canadense, a dica é o bairro Saint Boniface, um lugar em Winnipeg reservado à cultura francesa, onde existem bistrôs e confeitarias ao estilo da França.



Assiniboine Park Zoo

Famosos e a BZZZ



No plenário, o senador José Sarney lê Bzzz com entrevista exclusiva com Eduardo Campos, uma das últimas do ex-governador pernambucano antes de morrer



Senador Pedro Chaves com a sua Bzzz



Juliana Paes, uma das personalidades já entrevistadas pela Bzzz, durante encontro da Sociedade Brasileira de Odontologia



Prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves folheia primeira edição da Bzzz



Atriz Titina Medeiros, no Rio de Janeiro, expõe revista com César Ferráreo na capa



Senadores Kátia Abreu, Renan Calheiros e Garibaldi Alves Filho curiosos sobre a matéria de capa



Senador Armando Monteiro Neto no Plenário do Senado com a revista na mão



Em Brasília, edições da revista sobre a mesa de apoio onde estava o ministro Ricardo Lewandowski



No gabinete do senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN), em Brasília, o deputado estadual potiguar José Adécio (DEM) e a prefeita Neide Suely, de Pedro Avelino-RN



Azol, artista plástico, sempre em dia com sua leitura Bzz



Flagra no plenário do Senado: senadora Marta Suplicy com a sua edição



Em Washington, D.C., artista plástica Marília Bulhões com a revista na qual foi destaque

MAL SILENCIOSO

Por Alice Lima

Câncer de ovário é o tumor ginecológico de mais difícil diagnóstico e menor chance de cura.

Médica explica como é feita a investigação e qual o tratamento indicado. Em 2016, foram registrados mais de seis mil novos casos no Brasil





Bárbara Rosa, vocalista de Liniker e os Caramelows, teve câncer de ovário

ELE É POUCO FREQUENTE e de difícil diagnóstico. Assim como alguns outros tipos de câncer, quando o de ovário dá sinais possíveis de reparar é porque, geralmente, está em nível avançado e são poucas as chances de cura. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), em 2016 foram registrados 6.150 novos casos no Brasil.

A média da idade de mulheres diagnosticadas com câncer de ovário é de 60 anos, mas há diversas histórias de jovens que apresentaram a doença devido a mutações genéticas. Um caso recente é o da artista Bárbara Rosa, backing vocal da banda Liniker e os Caramelows que, com apenas

21 anos, morreu vítima de parada cardíaca durante o tratamento contra o câncer.

A oncologista Karla Emerenciano explica que os tumores de ovário mais frequentes podem ser epiteliais ou germinativos, dependendo do tipo de célula da qual se originam. Os primeiros (carcinomas) são os que mais aparecem. Os dos segundo tipo atingem geralmente pacientes mais jovens. “Quando diagnosticado, o tratamento indicado é a cirurgia, que em alguns casos é complementada com a quimioterapia”, explica. Quando a mulher ainda não tem filhos, procura-se preservar o outro ovário e o útero, desde que não haja risco de morte.



Karla Emerenciano, médica oncologista

Diagnóstico

Silencioso, o tipo da doença não expõe sinais no início. Porém, à medida que o tumor cresce, provoca pressão no corpo, o que pode ter como consequências dor ou inchaço no abdômen, pelve, costas ou pernas, náusea, indigestão, gases, prisão de ventre ou diarreia e cansaço constante. Menos frequentes, outros sintomas que podem acontecer são a necessidade frequente de urinar e sangramento vaginal.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer de ovário é o tumor ginecológico mais difícil de ser diagnosticado e

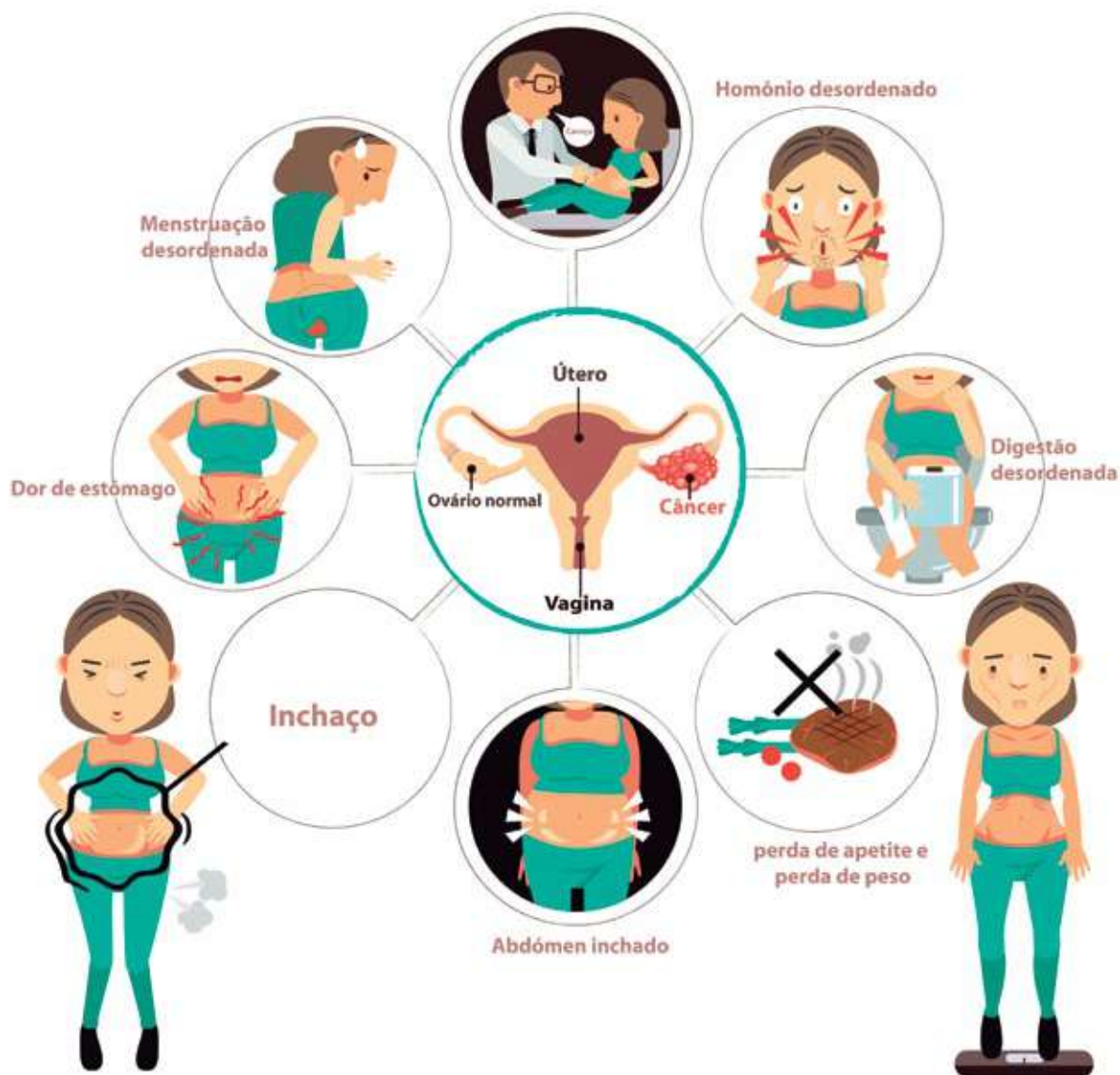
o de menor chance de cura. Cerca de 3/4 dos cânceres desse órgão apresentam-se em estágio avançado no momento do diagnóstico. Karla Emerenciano explica que a identificação precoce é difícil por não existirem exames específicos e fidedignos para rastreamento. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o exame preventivo ginecológico não o detecta, uma vez que é específico para verificar o do colo do útero.

Os procedimentos mais utilizados para a descoberta são a medida do CA125 (proteína que fica em nível elevado no sangue

de pessoas com tumores no ovário) e o ultrassom transvaginal. Em relação ao primeiro, outros problemas como endometriose e infecções pélvicas também elevam o nível da proteína no sangue, o que dificulta a precisão, como alerta a médica. “Alguns estudos têm procurado utilizar o CA125 e o ultrassom transvaginal juntos para detectar o câncer de ovário, entretanto, os resultados não são muito animadores em relação a reduzir a mortalidade para esse tipo de tumor”, explica.

Aos 28 anos e recém-casada, Mariana* descobriu que estava com câncer de ovário. De acordo com João*, seu marido, ela sentiu dores abdominais e chegou a suspeitar que estava grávida pela dilatação na barriga. No entanto, após os exames realizados, o diagnóstico confirmou que se tratava de um câncer raro, provocado por mutação genética e com poucas chances de cura. Apesar da idade e de não ter filhos, foi feita a histerectomia e ela chegou a fazer sessões de quimioterapia por cinco meses, mas acabou morrendo no fim de 2016. Apesar de ser jovem, o que oferece mais chances à cura, o estágio estava muito avançado.

A oncologia, contudo, é uma das áreas que mais avança na medicina. “No câncer de ovário, além das drogas convencionais, há tratamentos associando anticorpos, indicados para determinados casos e, recentemente, foi descoberta uma nova droga específica para as mulheres que têm câncer de ovário com mutação BRCA”, acrescenta Karla.



O que provoca?

O câncer, de uma maneira geral, não tem uma única causa. Ocorre quando uma célula sofre mutação hereditária, ou não hereditária, e passa a se proliferar sem controle. Os principais fatores de risco para câncer de ovário, especificamente, segundo a médica Karla Emerenciano são: idade

avançada, ter mais de um familiar com câncer de ovário, apresentar anormalidades nos genes BRCA1 e BRCA2, ter alterações genéticas associadas ao câncer colo-retal hereditário (síndrome de Lynch), nunca ter tido filhos e obesidade.

Dados do Instituto Nacional de Câncer mostram que cer-

ca de 10% dos casos apresentam componente genético ou familiar e 90% são esporádicos (sem fator de risco conhecido). Os anticoncepcionais, por sua vez, reduzem o risco de câncer de ovário, segundo a oncologista.

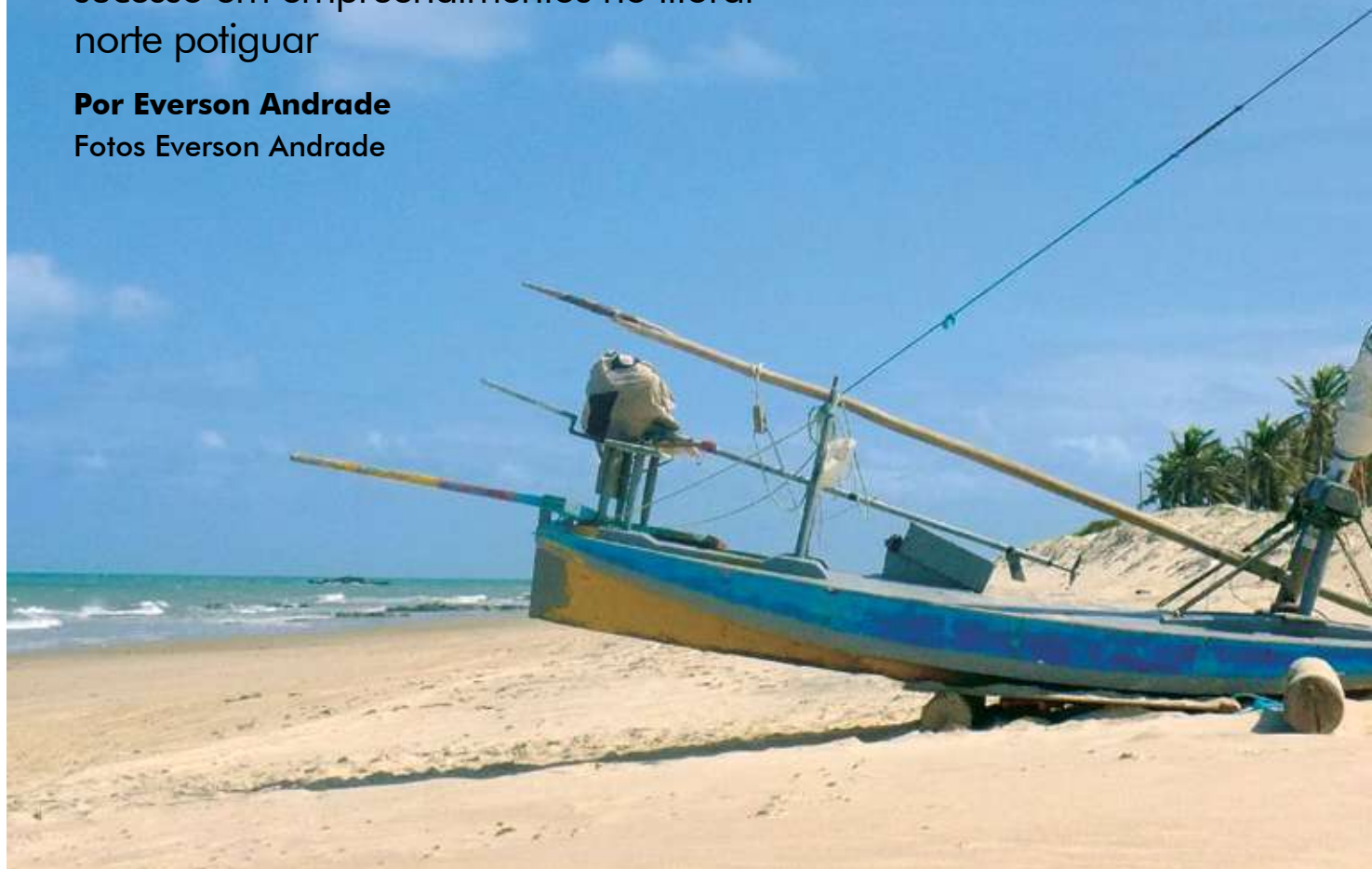
**Os nomes da paciente Mariana e do marido, João, foram trocados a pedido da família.*

Paraíso do Vozinho

A história do aluno de Câmara Cascudo, patriarca de família empreendedora na Praia de Perobas, município de Touros (RN), cujos filhos têm nomes franceses e hoje é sucesso em empreendimentos no litoral norte potiguar

Por Everson Andrade

Fotos Everson Andrade





EM UMA PORÇÃO DE paraíso do litoral potiguar, ponto turístico cada dia mais procurado, guarda uma história curiosa, que começa em uma sala de aula com o professor Luís da Câmara Cascudo, que é homenageado até hoje como um dos maiores historiadores e folcloristas do Brasil. Filho do fundador da comunidade da Praia de Perobas, município de Touros, José Ferreira da Costa estudou no Colégio Atheneu, em Natal, tempo em que as aulas de francês o deixaram fascinado.

Quando voltou para Touros, a ideia já estava fixa: decidiu dar aos filhos nomes franceses e, além disso, todos iniciados com a letra L. Então vieram os filhos de seu José com os nomes Lavoisier, Levernier, Larry e Lisyieux. E a tradição recém-criada não parou aí. Alguns dos netos têm nomes em francês e todos ainda iniciados com a letra L: Loran, Larrivier, Larami, Laira, Lorane, Loraine, Loriane e Levy (filho de Vozinho). Acredita-se que essa tradição rende bons frutos turísticos à família.

O filho Lavoisier, chamado carinhosamente de 'Vozinho', hoje é um considerável empresário da região. Começou com



Lavoisier Costa, o "Vozinho"



uma cigarreira em que vendia petiscos e, aos poucos, foi conquistando clientes de vários municípios do Rio Grande do Norte e turistas de outros estados, e países. Seus deliciosos pastéis, cerveja sempre gelada, camarão, lagosta e polvo chamaram atenção também pelos preços especiais. Assim, cresceu o “Bar do Vozinho”. Parte da família trabalha com ele no restaurante ou também atua no turismo na região. Culinária à parte, chamam atenção os nomes de todos os irmãos de origem francesa. Os desavisados podem até imaginar que a família veio do país europeu. A família dele foi a primeira a chegar na região de Perobas. Seu avô, Tomás Ferreira, fundou a comunidade na qual os descendentes vivem até os dias atuais.



Praia de Perobas é um lugar paradisíaco no município de Touros (RN)



Frutos do mar são o grande sucesso entre as delícias do lugar



“

Aqui eles evoluíram no conforto, ampliação do espaço, mas sem perder aquela coisa tradicional do atendimento por meio do contato humano.”

Tereza Sobral,
79 anos, turista



Praia de Perobas

O litoral do Rio Grande do Norte tem 410 quilômetros de extensão, logo não é difícil encantar-se a cada novo pedaço de areia que se explora de norte a sul. Tanto para o tu-

rista quanto para o próprio potiguar, cada lugar que se visita é um novo encanto. Na esquina do Brasil, no município de Touros, encantamento é o que encontra-se. Distante 75km

da capital, Natal, a Praia de Perobas revela cenário paradisíaco com vila de pescadores, altos coqueiros, corais em alto mar, longa faixa de areia e delicioso banho de mar.





Empreendimento evoluiu e agora tem pousada.
Há também opções de passeios de barco e quadriciclos





Como começou

Foi neste cenário que o empreendedor potiguar Lavoisier da Costa, 47 anos, iniciou há mais de duas décadas um negócio ainda pequeno, que se tornou ponto de parada para turistas que visitam o litoral norte. Era apenas uma pequena cigarreira na praia onde servia petiscos para amigos e moradores locais. “Eu tinha apenas um fogão e duas frigideiras. O espaço era minúsculo”, disse. Com muito trabalho

e dedicação, o que era um pequeno espaço transformou-se num estabelecimento que atrai não só pela qualidade do cardápio, mas também pelo atendimento e o conforto.

Vozinho conta que há 20 anos vendia balas, pipocas e salgados no centro da cidade, quando o seu pai, José Ferreira da Costa, trocou um terreno que tinha por outro na própria comunidade, mas à beira-mar. O

comerciante, em conversa com seu pai, decidiu abrir um negócio na praia para vender petiscos. A ideia começou a fazer sucesso e os recursos foram entrando para as ampliações que vieram a seguir para virar o Restaurante do Vozinho. Já a arte da cozinha veio por meio da mãe, com quem aprendeu a atividade.

Segundo o comerciante, o fluxo de visitantes aumentou bastante nos últimos cinco anos. A



evolução nas atividades que realiza também trouxe benefícios para toda a comunidade, pois empregam cerca de dez pessoas, além dos produtos usados na cozinha que são comprados aos pescadores locais. Sem falar nos outros serviços que surgiram após o restaurante, como a pousada, passeios de buggy e visita de lancha aos parrachos (bancos de areia e corais).

Além do trabalho, Vozinho credita seu sucesso ao fato de ter acreditado no turismo como fonte de renda na região, além da persistência em dias difíceis, até que as coisas passassem a melhorar. “É como uma semente que a gente planta e um dia vai colher seus frutos. O que a gente vê aqui hoje é porque no passado eu plantei uma semente”, analisa.

Já os clientes destacam a qualidade no atendimento e dos produtos. A natalense Tereza Sobral,

79 anos, é cliente de longa data do estabelecimento. Moradora da capital, ela e os amigos são proprietários de casas de praia no litoral norte e o Restaurante do Vozinho é uma parada certa dos veraneios há anos. “Aqui eles evoluíram no conforto, ampliação do espaço, mas sem perder aquela coisa tradicional do atendimento por meio do contato humano”, destaca. Lavoisier concorda com esse pensamento. Diz que o “cardápio não vende, quem vende é o garçom, informando, passando os dados sobre o produto e estando sempre disponível”.

O mestre da praia acredita que o segredo é nunca achar que chegou a um patamar definitivo e ter em mente a busca constante por melhorias. “Se você acha que o seu atendimento está perfeito, então está no caminho errado”, profetizou.



Leverrier e Lavoisier, irmãos com nomes franceses



Passeios também podem ser feitos em lanchas

Avanço

Desde que começou com aquela cigarreira há mais de 20 anos que Vozinho vem evoluindo. O espaço para os clientes, que no começo limitava-se a duas mesas de plástico com cadeiras, hoje já tem área coberta e fechada com janelas de vidro e cozinha bem maior do que aquela com duas frigideiras.

O cardápio que outrora era baseado em petiscos devido às escassas condições de trabalho, hoje é bem mais diversificado com peixes, camarões e diversidade de alimentos marítimos. Porém,

Lavoisier não parou no setor alimentício e passou a ampliar os serviços para outras áreas. Construiu uma pequena pousada, que recebe os apaixonados pelo cenário e desejam passar mais tempo visitando as praias da região. Para aqueles de passagem também é possível fazer passeios de quadriciclo pelas areias brancas das praias com coqueiros ao fundo.

Mas, se a terra firme do continente não for suficiente para os forasteiros, também são ofertados passeios de lancha até uma área de parrachos, localiza-

da a 5km mar a dentro. No local é possível fazer mergulhos entre os corais. Esse ponto é uma Área de Preservação Ambiental, a qual alguns nativos têm o direito de explorar de forma sustentável por meio de visitas limitadas.

Com tanta diversidade de atrativos, o espaço recebe turistas de todo país e do continente, em especial argentinos. Além de uma série de personalidades, entre políticos, juristas atletas e artistas. E Vozinho tem planos de ampliações e novos serviços, alegrem-se.



DOCUMENTO ESTUDANTIL



Com base na legislação federal, Lei da Meia-Entrada 12.933/2013 e Decreto 8.537/2015, o documento estudantil é válido em todo o país, com segurança física e digital. A Carteira de Identidade Estudantil-CIE está integrada ao sistema de transporte coletivo de Natal. Além disso, utilizando a carteira, os estudantes conseguem meia-entrada e meia-passagem em um único cartão, como também, descontos especiais em estabelecimentos comerciais.

Faça já a sua CIE 2017 pelo site:
portaldouestudentenatal.com.br
ou nos postos do Espaço Estudante, Fundação, Shopping Estação e Foto do Estudante.

Lembrando que a sua situação deve estar regular em 2017, na instituição de ensino, para poder realizar a solicitação.

redes sociais:



NatalCard



@natalcard

Folia com estilo

Por Vânia Marinho
Fotos: Cícero Oliveira

Da chita à seda, a
moda que traz magia e
irreverência para o Carnaval



NO CARNAVAL É POSSÍVEL ter estilo e um modo peculiar de ser. Para realizar literalmente a fantasia dos que gostam de realçar na multidão, dois artistas potiguares se uniram para e criar um trabalho que brinca com cores e texturas: o Dachitaàsedá. O estilo, confecção de roupas e adereços, foi possível graças ao criador e modelista Plínio Faro, que tem larga experiência em trabalhos para o carnaval, além da paixão pela alegria da festa.

Plínio explica que o projeto existe graças à parceria com o amigo Amaro Bezerra, maquiador cinematográfico. “Com o olhar apurado e refinado dele temos a fórmula perfeita para valorizar o jogo de texturas, cores e materiais”, explica. O diferencial desta mostra é exhibir para o público uma fantasia diferenciada, na brincadeira entre tecidos nobres e a alegria da chita, que remete às brincadeiras.



UM CONFETE AQUI

Plínio Faro trabalha com carnaval desde jovem e nos últimos anos vem atuando profissionalmente, principalmente com a produção de máscaras. Ele também modela, corta e costura fantasias e adereços. Além do carnaval, outros trabalhos saem das mãos do artista. A exposição “Bonecas gêmeas de fino trato” foi algo bem inusitado e também teve a colaboração de Amaro Bezerra.





Plínio Faro e Amaro Bezerra, parceria carnavalesca



OUTRO ACOLÁ

Amaro Bezerra, potiguar que viveu muitos anos na França, trabalhou como maquiador de cinema e de desfiles de importantes maisons em Paris. A experiência na Europa abriu portas de um mercado fechado, mas o profissional desejou ir além. Entre as grandes passarelas e estúdios, pode mostrar ao mundo a sua capinadeira de brincar com pincéis e cores. Atualmente em Natal, Rio Grande do Norte, aproveita para afinar a parceria com Plínio Faro.

Recortes

Por Vânia Marinho
jornalista



Pequenos fantasiados

Fashionistas de todas as gerações entram no espírito do Carnaval com as fantasias. A loja de fast fashion C&A tem na coleção infantil camisetas com estampas que imitam gravatas e paletós, roupas de palhaço e de marinheiro, o "sumido" Wally, maiô de Mulher Maravilha e Mulher Gato, bodies de oncinha e caveirinha. Fofura e diversão!

Um BEIJO

A Vult lançou a primeira coleção de batons tradicionais (em bala) com acabamento mate da marca e também a lapiseira labial incolor ideal para contorno.



Volta às aulas com estilo

A compra dos materiais escolares é sempre um momento divertido e estimulante para os pequenos começarem o ano letivo com o pé direito. Na coleção de alto verão 2017 as marcas Lilica Ripilica e Tigor T. Tigre trazem uma linha escolar com muita ludicidade e diversão para meninas e meninos cheios de estilo.

Provence

Para encerrar as celebrações de 40 anos de histórias verdadeiras, a L'Occitane em Provence, homenageando um dos ícones da marca e legado natural da Provence, apresenta a linha Verbena Edição Limitada que traz design comemorativo e produtos em edição limitada. O emblemático Eau de Toilette Verbena, em versão full size e a Fragrância em Gel Verbena para bolsa, além do Mousse Corporal Hidratante Verbena, o Sabonete Líquido Refrescante Esfoliante Verbena e o Sabonete Rústico Verbena também em edição limitada.





Cada vez mais novo.

*o app do NOVO agora
tem notícias de última hora,
novo layout, mais conteúdo
e novas funcionalidades
no seu tablet ou smartphone.*

*Atualize o app do NOVO
e tenha acesso à notícias de última hora e conteúdo exclusivo.
Mais quentes, entretenimento, celebridades, esportes,
política, economia, cotidiano e os nossos canais especiais.
Tudo o que você precisa para ficar bem informado em um único app.*



disponível para:





Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

MÁGICA NAS PAREDES

Adesivos, papéis de parede e criatividade transformam ambientes em um passe de 'mágica'





PRATICIDADE É A TENDÊNCIA de toda estação. Quem não quer desfrutar de qualquer idéia que facilite? Rapidez, pouco trabalho, efeito imediato, isso acontece em todo e qualquer ramo de atividade. Na arquitetura e na ambientação de interiores é fundamental pensar assim, até porque está diretamente ligado ao nosso dia a dia, bem-estar, na casa, no trabalho, em qualquer lugar. Uma dica de praticidade que qualquer um pode usar e até mesmo aplicar são os acessórios tipo adesivos, imagens, papéis de parede.

Quem não lembra quando criança ver na televisão casas de americanos com paredes totalmente florais? Aquilo ainda era um pouco fora da nossa realidade. Era tão somente papel de parede e todos nós sabíamos. Era meio mágico ver as paredes daquela forma. Impressionava. Podemos dizer que, em algumas situações, a mágica acontece. Algumas pessoas até brincam e dizem que o arquiteto tem ideias mágicas. Podemos dizer que sim, com muita criatividade e, claro, com condições de investir, a magia pode acontecer.

Os papéis de parede, adesivos e imagens ganham sempre novas versões e vão se adaptando à vida moderna. Hoje temos papéis que imitam paredes de tijolo, cobogós e, como forte tendência, as opções em 3d, que podem ser encontradas com vários temas. Você jura que está vendo algo tridimensional, mas na verdade não passa de um papel.

Temos os adesivos que ganham força quando o assunto é pegar na loja e aplicar você mesmo, grandes imagens que trazem para dentro de casa, por exemplo, uma rua que você deseje ou praia, floresta, desenhos e frases de efeito. Ideia ousada são os adesivos de impacto, colocados também no chão, como em lavabos, onde, ao entrar, a pessoa se assusta, se surpreende com a realidade das imagens. Imagine você entrar em um elevador e pisar em um tubarão!?





Quem não se encanta com os papéis de parede com motivos clássicos, sofisticados? Alguns imitam o couro, a seda, o linho. Não existe limite quando o assunto é forração de paredes. Com uma orientação profissional seguindo o estilo do cliente, a irreverência deve acontecer. É apenas um papel, a qualquer momento pode ser removido e substituído. Então, pode ousar.

Dependendo do ambiente e da personalidade do cliente, o uso deve ser algo bem discreto, com papéis de texturas delicadas onde o ponto de destaque é simplesmente criar uma superfície com uma textura como os que imitam tecidos.

O investimento pode ser muito variado. É possível com muito pouco mudar o ambiente que deseja, mas também existem os muito especiais de qualidade bem superior. Isso é apenas uma questão de o quanto se pode, e se quer, gastar.



ANIVERSÁRIO

Fotos: Paulo Lima/Brasília

A bonita e alegre joalheira **BENIGNA VENÂNCIO** festejou seu aniversário cercada pelo carinho das elegantes, bonitas e poderosas da capital federal. A comemoração aconteceu na residência da amiga Keyla Cardoso, na Península dos Ministros, no Lago Sul, em Brasília.



Beatriz, Betânia, Benigna, Tânia e Bruna Venâncio



Marisa Macedo, Rita Márcia Machado, Valéria Leite e Dulce Tanure



Laura Sales, Natasha Ewerton e Victória Reis



Keila Sales, Renata Sanches e Maria Bastos



Mônica Haddad e Karina Lima



Tarcila Alves e Michelle Amaral



Michele Calmon, Letícia Cunha e Ana Valadão



Maria Eduarda Amaral e Gabriela Muniz



Juliana Rezende e Karina Rocha



Patrícia Leal, Juliana Amaral, Ana Cláudia Miziera e Adriana Amaral

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



ESTAR VALE MAIS DO QUE IR

Você esteve nos Estados Unidos e não foi a Disney? Sim. E pasmel! Tem mais. Também já quebrei outras regras tidas como invioláveis. Como ir a Buenos Aires e não assistir a um show de tango. Ariano Suassuna dizia ter conhecido alguém que dividia o mundo em duas pessoas: os que conheciam a Disney e os que não. Eu tenho a minha própria divisão. No mundo, há dois tipos de pessoas: os que viajam por prazer e os que o fazem por obrigação social.

Os que compõem o segundo são facilmente identificados. Você foi a Argentina e não esteve em Bariloche? Mas Mendoza você foi, não é? Portugal sem o Porto? E aquele bistrô com apenas quatro mesas em frente à Ópera Garnier? Ah, Paris não tem graça sem um jantar lá. Muito provavelmente você se lembrou de alguém. Eu sinto... Muito. Trata-se de um claro exemplar desse grupo, no qual o ir sobrepõe o estar.

Mas não é apenas nas cobranças posteriores que eles se manifestam. Basta

você postar uma foto no Arco do Triunfo, que ele ou ela não resiste e se apressa para comentar. Não deixe de ir à Torre Eiffel! Ou um simples "adoro esse lugar". Neste caso, uma necessidade de afirmação. É preciso deixar claro para todos (e para si mesmo) que o espectador em questão também já foi protagonista. Talvez esses escritos surpreendam alguém, mas pode acreditar: quem vai a Paris sabe da existência de uma torre de nome Eiffel.

Agora, é importante reconhecer os que padecem desse mal de forma crônica. Uma variação que, para a convivência, exige-se uma boa dose de tolerância. Eu, certamente, deixei a minha na Alemanha, onde não há subterfúgios e, pasme novamente, não visitei Berlim. Refiro-me agora aos que chegam a afirmar "ninguém que esteve aqui aproveitou mais esse lugar do que eu". Pausa dramática. Mostre-me a saída de emergência! Por favor!

Se você descobriu que viaja por prazer, parabéns! Mantenha-se aqui e tente engajar os que ainda não o fazem! Porém, se você se viu como voz ativa nas situações anteriores, não leve esse escritor a mal, sente-se se assim não estiver e creia em mim: Buenos Aires continua existindo (muito bem, obrigado) sem o show de tango. Há bistrôs maravilhosos em Paris. Aquele é só um deles. E o mais importante: cada um aproveita a viagem da maneira que lhe convém. Aceite que, para alguns, a Livraria Travessa é bem mais interessante que o Maracanã. Apenas aceite.

Uma grande viagem para este ano seria transpor essa barreira, livrando-se das cobranças a si e aos outros. Pernambuco pode estar mais bonito que Cartagena e Pipa, mais animada que Praga. Na hora de comentar "eu fui", compartilhe consigo essa informação e tenha tantas boas lembranças que esqueça de comentar. É como disse um grande amigo, Miguel Josino, que realizou sua última travessia anos atrás: "viagem ruim é aquela que a gente ainda não fez". O resto é bom. Fomos felizes. Com ou sem Disney. É isso e apenas isso que importa.



O BACANA

Fotos: João Neto

Fotógrafo dos mais queridos e badalados da capital federal, seja na sociedade, no Judiciário e no Congresso Nacional, Paulo Lima, conhecido como o fotógrafo da Corte, recebeu homenagem das amigas em torno da sua nova idade. Ocasão com almoço de adesão no Restaurante Coco Bambu, organizado pelas integrantes do Instituto Brasileiro de Cultura.



O aniversariante entre Rita Márcia Machado, Marisa Macedo e Carmen Minuzzi



Neusa Soares, Benigna Venâncio, Irene Maia e Marli Vianna



Maria Olímpia Gardino e Carmen Bocorny



Lourdinha Fernandes e Aurinete Leite



Com Guida de Carvalho

COMBATER O MOSQUITO É COMBATER DOENÇAS. SÃO GONÇALO UNIDO CONTRA O AEDES AEGYPTI.

O QUE FAZER?



**MANTENHA AS CALHAS
SEMPRE LIMPAS**



**TAMPE OS TONÉIS
E CAIXAS-D'ÁGUA**



**COLOQUE AREIA NOS
VASOS DE PLANTAS**



**DEIXE AS GARRAFAS COM A
BOCA VIRADA PARA BAIXO**



**RETIRE SEMPRE
A ÁGUA DOS PNEUS**



**MANTENHA LIXEIRAS
BEM FECHADAS**

ATENÇÃO! O QUE ACUMULA ÁGUA É FOCO DE MOSQUITOS.



SE VOCÊ SABE E FAZ A SUA PARTE, SERÁ QUE SEU VIZINHO FAZ A DELE? PARA EVITAR A DENGUE TEM QUE TER A AJUDA DE TODO MUNDO. CONVERSE COM SEU VIZINHO, PREVINAM-SE. O MOSQUITO QUE MORA AO SEU LADO, CHEGA SEM SER CONVIDADO.

Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**
www.saogoncalo.rn.gov.br

BOM DEMAIS

Fotos: Aurino Neto

Natal vem resgatando o Carnaval de rua, com blocos animados por bandinhas de frevo e alegorias, seja nas ruas do Plano Palumbo (bairros de Tirol e Petrópolis), seja nas ruas de Ponta Negra e nas areias dessa praia que ostenta um dos mais belos cartões-postais da capital dos magos-festeiros. A folia começa com várias prévias e durante o reinado do momo mais blocos agitam a cidade conhecida como a Noiva do Sol



Nas areias de Ponta Negra, Wellington Paim e Hilneith Correia no bloco A Ponta



Com o Morro do Careca como pano de fundo, Ayasha Lago e Iven Bezerra



Nas ruas do Plano Palumbo, Flaviana Bila e José Carlos no bloco Enquanto Campos corre, Sales só caminha

Suzy Leal é uma das organizadoras do A Ponta. Na foto com Flávio Góis



Na folia em Ponta Negra, Ivana e Paulo Monte



Os casadões Janaina e Alexandre Mulatinho



No A Ponta, o versátil Cláudio Porpino



Enquanto Campos corre, Sales só caminha: Conceição Camara, Daliana e Roberto Peres



Casal vice-governador Fábio Dantas e a deputada estadual Cristiane Dantas



Danielo Leite e Ricardo Bezerra com Hilneth Correia



Em Ponta Negra, Flávia Pípolo e Yúri Bagadão



Juliana Bezerra e Sérgio Fernandes-Coxinha



A Ponta: irmãos Gutemberg e Tereza Tinoco e o idealizador do evento: Antônio Ciriaco-Testa



© anônimo no A Ponta



Rebeca e Roberto Nunes



Mézia Araújo e Suzy Leal



A Ponta: Líria e Carlos Farache com o amigo Flávio Góis



Odenize e Caio Honório



Luciana Santa Rosa e Renato Gomes Netto



AMIGO EXISTE, SIM SENHOR!

A solidão tem sido a fera voraz a espreitar o homem contemporâneo, que, mesmo cercado de uma multidão, se sente cada vez mais sozinho e isolado...

O egoísmo, o narcisismo, a inveja, o individualismo e a egolatria fazem de certos indivíduos espantelhos humanos, os quais, mesmo frequentando clubes, templos e partidos políticos, continuam prisioneiros de si mesmos, pelo simples fato de buscarem receber sempre e nada retribuïrem.

Alguns, lamentam: “não existe amigo”. Porque, no seu egocentrismo, esquecem que o único método de ter um amigo leal é ser um. Como São Francisco de Assis, é dando que se recebe. Doando-se com humildade e simplicidade, sem esperar nada, é que se recebe a dádiva do sentimento do querer bem sincero e até incondicional.

A Bíblia preconiza “ter um amigo é possuir um tesouro” e o dito popular ensina: “mais vale amigo na praça que dinheiro no caixa...”.

Ainda, o populacho assevera: “quem planta colhe”, significando que o solidário colhe solidariedade, especialmente quando faz sem esperar retribuição.

Jesus, o salvador-filósofo-avatar-guru-iniciado-mestre-Deus/Homem, recomendava que não haveria salvação, santidade ou nirvana sem amarmos os seres humanos como a nós mesmos. Aliás, somos partículas que se completam quando integradas a outras partículas semelhantes e ao Todo, Cosmo, Inteligência Suprema, Grande Arquiteto ou Deus.

Entendo, inclusive com apoio científico e metafísico, que o egoísta, invejoso e odiento é autofágico, sofre mais com a felicidade alheia que com a sua própria dor,

fogo que se autoconsome, vítima do efeito bumerangue, da lei do retorno e subproduto ou cinza de sua própria fogueira.

Por tudo isso, concluo que a amizade é a mão estendida sem perguntas; é crença e confiança na palavra e nos atos do outro, sem julgamentos precipitados e injustos.

Nas agruras do universo, os viajores errantes tornam menos penosa a caminhada quando encontram almas irmãs, assim como “aves da mesma espécie que sempre voam juntas...”, independentemente de sexo, raça, idade ou condição social ou intelectual.

O bom caráter censura o amigo reservadamente, enquanto, em público, rasga elogios às suas qualidades... Nesse sentido, São Tomás de Aquino prelecionava: “o bom amigo os meus defeitos aponta para que eu os corrija; o falso amigo exalta-me indevidamente para que persista no erro e caia no lodaçal da vaidade.”

Ser bom amigo não precisa dar a vida pelo outro, mas basta estender a mão ao companheiro que resvala no abismo ou simplesmente com ele compartilha, sem competir, com desinteresse e alegria de suas vitórias e ascensões.

O lamentável é que muitos preferem a destruição pelo elogio fácil do que receberem críticas salvadoras e construtivas.

Miguel de Cervantes afirmava que “é melhor perder todos os bens materiais que um amigo”. Tudo, contudo, depende do dom sagrado do perdão e da tolerância com as diferenças...

Ademais, se a gratidão é a memória do coração, ao ingrato compete sepultá-la, já que para este tipo tudo é descartável e transitório, inclusive a amizade.

Afinal, amigo é uma escolha personalíssima, meditada, inteligente, enquanto a família é uma imposição do destino, da sorte, de forças alheias à nossa vontade.

Pessoa grata e sensível, gosta pela simples razão de aglutinar, de servir, de somar e convergir, mesmo sem necessidade de ninguém para o seus fins pessoais. Nesse diapasão, entendo como Confúcio que “a melhor maneira de ser feliz é contribuir com a felicidade dos outros”.

Ainda, faço minhas as palavras do inexcelsível Ministro e Escritor José Américo de Almeida, que prelecionava: “com glórias, riquezas e sucessos todos se manifestam como amigos porque, ocultando a mesquinha da inveja, prostram-se ao poder. No entanto, o amigo verdadeiro se revela na tristeza, desacertos e pobreza”.

Este é o caminho indeclinável da amizade pura e sincera, cuja conquista jamais pertencerá aos ressentidos, magoados e egocêntricos, que jamais “amarão o próximo como a si mesmo”.

Nesse ritmo, é que perguntaram certa vez a Epitácio Pessoa, único brasileiro que presidiu os três poderes da Nação (Presidente da República, Presidente do Congresso Nacional e Presidente do Supremo Tribunal Federal), qual o segredo do seu imenso sucesso, e ele respondeu que “tudo se devia a 50% de incansáveis dias e noites de estudo e trabalho e 50% a generosidade de amigos verdadeiros”.

Em síntese, faço minhas as palavras do infável Benjamim Franklin: “um irmão pode não ser um amigo, mas um amigo será sempre um irmão”.

Amigo, porquanto, para quem primeiro sabe sê-lo, existe, sim senhor.



TV CÂMARA NATAL

CANAL 51.4 (DIGITAL)

CANAL 10 (CABO)

**SINÔNIMO
DAS NOTÍCIAS
MAIS IMPORTANTES
DA CIDADE.**



PROGRAMAS

SESSÕES ORDINÁRIAS
SESSÕES SOLENES
AUDIÊNCIAS PÚBLICAS
CÂMARA REPÓRTER
COM A PALAVRA VEREADOR
CÂMARA VERDE
CÂMARA ESPORTIVA
COMITE DE IMPRENSA
DIRETO AO PONTO
TELA DE JUSTIÇA
PENSANDO BEM
EDUCAÇÃO EM PAUTA

TV FISCO EM PAUTA
TV RURAL
QUINTA JURÍDICA
JUSTIÇA E VOCÊ
AGORA É LEI
DICAS DA TV CÂMARA
FAÇA O BEM
MEU BAIRRO
MOMENTO CULTURAL
PERFIL PARLAMENTAR
PONTOS HISTÓRICOS
VOCÊ SABIA?

Fomentar o conhecimento é um dever que todos nós temos que cumprir. Pois, é através dele que conseguimos proporcionar, a todos os cidadãos, uma vantagem que é sinônimo de exclusividade: a informação.



**CÂMARA
MUNICIPAL
DE NATAL**

A CASA DO POVO, A SUA CASA.

CMNAT.RN.GOV.BR



YURU

POR JOCA PONTES

Um novo toque na
gastronomia potiguar

"FIZ O CARDÁPIO DO YURU PENSANDO HARMONIZAR TÉCNICAS CULINÁRIAS AOS PRODUTOS DA TERRA DO RIO GRANDE DO NORTE. PRODUTOS QUE REVELAM NOSSAS RIQUEZAS, NOSSA CULTURA, FINCADA NO NORDESTE MAS ECOANDO PARA O MUNDO."

Chef Joca Pontes

O RESTAURANTE YURU ESTÁ LOCALIZADO NO GOLDEN TULIP NATAL PONTA NEGRA.

ABERTO TODOS OS DIAS
ALMOÇO: 12H-15H | JANTAR: 19H-23H
ESTACIONAMENTO GRATUITO

AV. ENG. ROBERTO FREIRE, 4382
PONTA NEGRA - NATAL
RESERVAS: (84) 3646 0100
YURU@GOLDENTULIP.COM.BR



GOLDEN TULIP
NATAL PONTA NEGRA - HOTEL